

## NÃO QUEREMOS CONFUSÕES!

Não pode haver confusões, e quem as fizer especula: uma cousa é um indivíduo ou um grupo de indivíduos professar com sinceridade determinadas ideias, e outra cousa é praticar em nome dessas ideias actos que repugnam a todas as consciências e que contradizem todos os princípios sociais, desde os mais retrógrados aos mais avançados. Notificando pormenorizadamente o assalto que alguns indivíduos deram a um cobrador, e referindo-se também a exigências de dinheiro feitas por pessoas azares a banqueiros timoratos, alguns jornais, em vez de descrever a verdade, só a verdade se a conheciam, envolveram os seus comentários em alusões a sindicalismo e sindicalistas.

E' preciso que nos entendamos e que não estabeleçamos confusões torpes. Sindicalismo não pode confundir-se com banditismo. Ser sindicalista é precisamente combater todo o banditismo, parta ele de onde partir.

Esse assalto ao cobrador não pode ninguém de boa fé atribuí-lo a sindicalistas pela mesma razão que não deve ser atribuído a monárquicos, nem a republicanos ou socialistas. Não sabemos se os autores dessas proezas que o sindicalista condena — porque é contra todos os roubos legais ou ilegais — se dizem sindicalistas. Mas se tal sucedesse, quem poderia acreditar em tal absurdo?

A Batalha, em nome dos princípios que defende, condena esses assaltos à mão armada, essas extorsões, sob ameaça, a banqueiros. Porque entenda que esses banqueiros tenham o direito de assambar grandes fortunas enquanto a maioria vive na dor e na miséria? Não! Condenamos essas extorsões porque não só revelam uma moral idêntica à desses banqueiros, mas também por não trazerem à sociedade o menor benefício, mesmo quando inconscientemente praticados em nome de princípios generosos.

Mal andam, pois, os que na imprensa burguesa confundem propostadamente sindicalismo com banditismo, porque nos dariam o direito, se nós usássemos idênticos processos de combate, de confundir democracia, conservantismo, todos os ideais adversos com banditismo também.

Os assaltos que por aí se praticam a cobradores, a bancos e a casas de batota são imorais, são odiosos. Mas não devemos examiná-los isoladamente, devemos ir mais longe e lembrarmos-nos de que tanto os mais odiosos têm sido outros assaltos, outras extorsões, de que estes últimos são apenas lamentáveis consequências. E condenando as consequências, apontamos as causas — talvez mais prejudiciais, porque em vez de prejudicarem apenas alguns indivíduos, arruinaram e desmoralizaram a colectividade.

Na rua 24 de Julho, em pleno dia, alguns indivíduos roubaram a um cobrador 116 contos; a alguns banqueiros foram extorquidos alguns contos de reis. E' condenável! E' imoral! Mas não nos esqueçamos de que há bem pouco tempo um homem que tinha pela sua situação de destaque, obrigação de manter um linha de conduta irrepreensível, retirava dos cofres públicos a favor dos Bancos mais de um milhão de libras. Esse homem continua a merecer os respeito das pessoas respeitáveis... e, do dinheiro desviado, quatrocentas mil libras estão ainda na posse dos Bancos. E' imoral! E' condenável! E não compreendemos porque motivo a polícia emprega apenas a sua actividade na perseguição do que assaltaram na rua e tira o chapéu, reverente, ao outro que roubou confortavelmente instalado no ministério das Finanças...

São estes grandes assaltos, que condenamos, que nos dão autoridade para reprovos os que a imprensa capitalista denuncia agora com tanto alvoroço, esquecendo criminosamente os maiores, os que dão o péssimo exemplo.

Entretanto, é bom frisar mais uma vez: uma cousa é sindicalismo que reprovamos todos os crimes, outra é banditismo, quer exercido sob a protecção da lei — como o exercem certos comerciantes — quer exercido fora da lei — como exercem certos indivíduos inconscientes ou maus.

## As "forças vivas" da desorganiza- ção querem orga- nizar os outros...

Diz uma velha lenda histórica que, certo dia, o grande Alexandre da Macedónia, depois duma azeida discussão com seu pai, Filipe da Macedónia, reparando que ele cambaleava de embriaguez, correndo risco de ir ao chão, se o não amparassem, teve esta frase desdenhosa para o pai: «*Afinal oigo-te blasonar a todo o instante acerca das tuas vitórias, e ainda há pouco garantias novas conquistas. Como hei-de acreditar que serás capaz de realizar a conquista da Ásia, se não podes dar um passo, nem te seguras nas pernas?*»...

Sem ofensiva intenção, as farroncas de Filipe lembram um pouco os arremessos das «forças vivas». Levam o tempo em vaidos alardes, em planos e conspirações, que até ao presente só têm dado um tremendo fiasco.

Eles que não têm cabeça para se orientar no campo associativo e que se têm dirigido o pior possível, enchendo-se de odioso, ainda pensam em intervir nos negócios da administração pública!

Pensando bem, é preciso muita audácia; é preciso que esses homens contem, demasiadamente, com a ignorância e com a covardia dum povo, para, depois de o explorarem, depois de prestarem as piores provas de tato e inteligência, ainda pensarem em intervir na administração do país!

Onde está qualquer acto vindo dos arraiais das forças vivas, que manifeste firmeza, inteligência, diplomacia, sincera vontade de intervir, concludentemente, no conflito político-social?

Ninguém é capaz de o apontar. Onde, qualquer acto desses indivíduos, que manifeste o seu amor pela causa pública, o seu estudo por qualquer obra de economia ou fomento para o bem geral?

Ninguém é capaz de o apontar. Onde, qualquer iniciativa colectiva ou individual, que vise uma realização de bem-estar, criação de escola, asilo ou hospital, que praticamente confirme as afirmações mentirosas que eles põem nas suas jesuíticas palavras?

Ninguém é capaz de o apontar. Só eles pensam. Egoísmo sordido e mais egoísmo. E quando qualquer governo ou colectividade lhes não atura o jogo, arranjaram areias olímpicas e desdenhosos e mudam-se para o estrangeiro, dizendo ainda mal do país.

Que mais queriam que o país lhes fizesse a eles — os refinadíssimos patrales, que ainda há meia dúzia de anos eram anónimos desconhecidos, de letras gordas e sem vintem, e que hoje andam de automóvel, visitando os diversos estabelecimentos, com aceses em Bancos e Companhias e centenas de contos à disposição?

Pois é assim, como dissemos, a acção dessa simpática corporação que dá pelo nome das «forças vivas». Mas se a sua orientação, pelo que respeita à criação de favorável ambiente social, tem sido nula, pelo que respeita à sua vida interna, à sua maneira de agir, tem sido um tremendo fiasco, que só tem comprometido e entalado alguns homens sérios que ainda possam existir nas forças económicas.

Um fiasco, um autêntico fiasco, que só tem desprestigiado aquela parte laboriosa dum comércio antigo, pobre e pacato, para quem os das forças económicas têm sido uma espécie de macacos metidos num armário da louca...

Dizendo-se conservadores e ordeiros, começaram por revoltar-se contra o Estado; e o seu primeiro acto de rebelião foi o caso da selagem, em que, depois de implorarem a protecção de vários políticos, umas vezes insultando o Parlamento, outras vezes submetendo-se, acabaram por ceder, aceitando, depois de prejuízos, o critério que os políticos entenderam. Conclusão, fiasco! Sempre fiasco!

Depois arranjaram, inabilmente, aquele incidente da Associação Comercial, nunca pensando que lhe encerrassem as portas. O governo respondeu-lhes violentamente, selando-lhe o palácio da rua de Santo António; e, apesar das bravatas das forças económicas e dos seus dirigentes, com o maior desprestígio para estas — o que só atesta a sua fraqueza — as portas lá continuaram encerradas. O eterno fiasco!

Finalmente veem para o *Século* e aqui, depois de vários atropelos, prejudicando pessoal da administração e da redacção, de incidente em incidente, caem no conflito com os rapazes dos jornais — o que só demonstra a incapacidade, o estúpido despotismo de quem dirige esses assuntos. Sempre e sempre o mesmo fiasco!

E querem, então, intervir na administração pública?

Com as provas que têm dado, belos dias esperavam todos os trabalhadores, todos os homens livres, na hora em que eles triunfassem!

**A política francesa complica-se**

PARIS, 7.—Em seguida ao conselho de ministros, o sr. Herriot convocou para uma conferência os «leaders» da esquerda democrática do Senado e os dos grupos radical e socialista da Câmara dos Deputados, para os pôr ao corrente do programa financeiro do governo. E' impressão geral nos círculos políticos e parlamentares que a luta nas câmaras será muito rude, já a partir de amanhã.

**LER E ASSINAR**

**Os Mistérios do Povo**

## O PARAISO BURGUES A dois passos do cora- ção da cidade

Uma visita à Vila Eduardo — Um tugúrio miserável — Uma entrada principesca... por debaixo da cama

A dois passos do Rossio, junto ao chamado coração da cidade, vamos encontrar mais uma das infinitas entradas que nos conduzem aos labirintos do paraíso burgues.

Aqui não é fácil dar com o martírio das vítimas, porque elas estão mais escondidas, mais enfiadas nas suas moradias inverosímeis, nos seus cortiços de difícil acesso. Aqui a entrada parece um paraíso artificial, uma linda vivenda de um endinheirado recolhido, afastado do bulício da cidade. Não fora uma indicação, e nunca poderíamos fazer uma ideia do imenso drama que se oculta lá dentro.

Fica a meio das escadilhas das Olarias. É uma viloria, protegida à entrada por um gradeamento de risonha aparência. O seu aspecto durante muitos anos, enganou-nos completamente. Quando agora lá entramos, a surpresa dominou-nos completamente. Para lá das grades, não há mais vivenda feliz, não há mais a ideia de uma moradia em termos. Bruscamente, sem a menor transição, somos precipitados para um cenário miserável de uma colónia penal, deformada, tortuosa, anã, onde se empilham, a ocultas da civilização, um viveiro de desgraçados, condenados à existência cruel de preditórias esquecidas pela marcha dos séculos.

Espanta, amedronta aquele cenário tético porque nos parece uma alucinação, a existência de semelhante maneira de parir a habitação. Imagine-se um pátio entapetado num saguão. Agora este saguão atravancado por uns casinhotos baixos, quasi a desaparecer no chão, como que apertados de encontro uns aos outros, metidos ali à força, roubando quasi completamente o espaço da passagem, de modo a transformarmos, em verdadeiras fendas, uns complicados e sujos arruamentos. Vamos avançando, e de súbito, sobre a nossa cabeça levanta-se um casinhoto, e logo outro, pendurados não se sabe como, como gaiolas suspensas, prestes a desabar. Várias cabeças de mulher assomam a uns postigos que mais parecem buracos abertos num tapume. Aproximamo-nos duma dessas cabeças. Uma voz pergunta-nos se queremos alguma coisa.

Queríamos saber as rendas daqueles parafreios.

É um modo de estabelecer diálogo e mais de perto ver os interiores daquelas trágicas moradias.

As rendas?

Há vários subterfúgios para fugir a uma resposta, e nós vamos olhando o interior das casas. Numa delas, uma mulher sentada sobre uma cama costura à máquina. Entre a cama, a máquina e a parede não há espaço para um banco. Os utensílios de cozinha estão acondicionados, cuidadosamente arrumados sobre o leito. A cama serve de mesa, de aparador, de cadeira, de tudo, enfim, porque não há espaço para mais. Uma outra mulher, irmã talvez ou hóspede, está arrumando a chaminé, e debaixo da cama, como duma grande cozinha surge um mundo de coisas, indispensáveis ao lar mais miserável. A copa fica assim nestas casas de baixo da cama. Como esta mulher tem que sair, é ainda por debaixo da cama que ela arranja passagem para ganhar a porta. E' inacreditável como se pode viver assim.

Já aqui estamos há 11 anos.

Vamos aproximando-nos de uma outra família. Horrível. A casa é um forno. Não sei como não se morre de asfixia. Há aqui uma mulher passando a ferro. O calor é insuportável. O espaço, o mesmo.

A mulher que passa a ferro está entalada entre a cama e a mesa. Em cima da cama um alguidar. A roça a cabeça do tecto.

— E a renda?

— Pagamos aqui trinta e quarenta mil réis. Mas isso é para os jornais? Então não diga nada, porque há gente que é capaz de vir oferecer mais ao senhorio e nós ficamos sem a nossa rica casinha. Aqueles ali é que estão bem.

— Onde?

— A família da Rita. Moram ali três famílias. Assim já se pode pagar melhor a renda.

É inacreditável. Três famílias empilhadas num cortiço, que pouco maior é do que a casa dum cão! E' inverosímil a existência desta gente. Só visto.

Enfim quem quiser pode ir ver. Vila Eduardo, às escadilhas das Olarias.

A dois passos, do Rossio, o coração da cidade a Avenida da Liberdade, os «Rolls-Royce».

Oh! Como é terrivelmente fantástico, o paraíso burgues...

**NA RUSSIA SOVIETISTA**

**Boukharine atacou Trotsky**

MOSCOU, 7.—O sr. Boukharine atacou Trotsky na sessão plenária da comissão executiva da terceira Internacional, dizendo que o partido comunista russo não pode admitir desvios tão importantes na sua política.

Afirmou ainda não atacar o indivíduo, mas a sua tendência, não podendo os méritos e o talento de Trotsky impedir o partido de travar uma luta de ideais contra a sua falta de apreciação e compreensão do papel dos camponeses.

Boukharine terminou dizendo que a tendência do partido é para a ditadura da indústria do Estado na economia nacional.

— (L)

**O comércio... e os princípios**

MOSCOU, 8.—O comissário do povo para o comércio, convocou uma conferência de representantes da indústria e do comércio, fazendo um apelo ao capital particular para o seu desenvolvimento.

— (L)

## A Semana da Criança

Vai realizar-se um concurso e exposição de brinquedos e jogos educativos

A «Semana da Criança», essa interessante e utilíssima iniciativa da Associação de Professores de Portugal que se realiza no próximo mês de Maio, deve resultar uma excelente e benéfica propaganda, no sentido de proteger a infância de todos os preconceitos, de todas as violências, de todos os absurdos que sobre ela pesam, torturando-a. Entre outros números, está incluído no programa da «Semana da Criança» um concurso e exposição de brinquedos.

Os brinquedos que deviam servir para recrear a infância e recreá-la, mesmo com intuitos pedagógicos têm sido para ela uma causa de torturas. Há o brinquedo bonito que mal se lhe toca quebra-se, estraga-se ou esfregalha-se, sendo depois a criança, ainda por cima, castigada. Há também o brinquedo destinado a criar no raciocínio débil, embrião da criança um respeito pelas coisas veneráveis da sociedade burguesa. Entre os brinquedos dessa espécie mencionaremos os soldadinhos de chumbo, as pequeninas peças de artilharia que fazem nascer na criança o entusiasmo pela guerra, a inflamada simpatia pelo militarismo.

Outros brinquedos há bastante estúpidos e bastante imorais, como as cartas de jogar e as pequeninas roletas que tornam familiar à criança os jogos de azar e a própria batota!

E' no intuito de obviar a esses inconvenientes que se realizará uma exposição e concurso de brinquedos. Passamos a reproduzir as condições pedagógicas a que devem satisfazer os brinquedos:

1.º—Para que o brinquedo desempenhe as funções que lhe correspondem — a) excitar, estimular a actividade da criança para o jogo, «abrir-lhe o apetite» para brincar, ou b) fornecer-lhe um meio que lhe permita jogar mais completamente, ou ainda c) servir-lhe de instrumento para conhecer a vida que a rodeia — deve satisfazer a um certo número de condições. Eis algumas delas:

2.º—Os brinquedos que mais interessam às crianças são aqueles que mais estimulam a sua imaginação, aqueles com os quais mais pode inventar.

3.º—Do anterior resulta que quanto mais simples é o brinquedo tanto mais e melhor se presta às fantasias da criança, tantas mais ideias lhe sugere para jogar, tanto melhor o pode manejar, transformar e diversificar nas suas aplicações para o jogo.

4.º—Por conseguinte não são de aconselhar: 1.º os brinquedos demasiado acabados e precisos que impedem a criança de inventar; e 2.º os brinquedos que contrariam a criança na imitação, que a reduzem ao papel passivo de simples espectador — estão neste caso certos brinquedos mecânicos como os automáticos — quando a criança, actor sobredito, o que quer é agir, sentir-se causa.

5.º—Quanto mais simples tanto mais baratos serão os brinquedos. Torná-los acessíveis ao maior número de bolsas é condição a atender. Não são de aconselhar os brinquedos de luxo.

6.º—Simples não quer dizer, porém, feio ou deformado. Não são de modo algum aceitáveis os brinquedos monstruosos na forma, no aspecto, na acção etc., tais como certos palhaços horríveis, certos brinquedos e sonoridades estridentes, agudíssimas, etc.

7.º—Não são igualmente de aconselhar os brinquedos que são cópias de jogos de azar dos adultos, tais como roletas, cartas para jogar e outros similares.

8.º—Quanto aos brinquedos ditos instrutivos que ou são aplicações da física, da mecânica, etc., ou pretendem ensinar à criança a geografia, a história convém evitar por um lado que eles sejam fonte de ideias falsas e de preconceitos tenazes e que por outro lado eles percam o carácter de brinquedo transformando-se numa lição precisa, matando assim a invenção e a fantasia. Como, além disso, estes brinquedos não têm para a criança no período que vai até aos 12 anos o interesse que muitos supõem, pois a criança não possui na grande maioria dos casos os conhecimentos básicos para compreender estes brinquedos e por conseguinte, para nelles encontrar um prazer vivo e duradouro, convém que as formas industriais e comerciais não dêem preferência a estes brinquedos nas suas remessas para a exposição e concurso com prejuízo de brinquedos mais adequados.

9.º—Os brinquedos devem ser higiénicos ou permitir uma fácil higienização, convido evitar os brinquedos com tintas e formas perigosas, com acessórios nocivos, etc.

10.º—De todos os brinquedos os melhores são aqueles que exercitam ao mesmo tempo as actividades físicas, mentais, morais e sociais, que põem em acção simultaneamente o corpo e o espírito e que se prestem tanto ao jogo individual como ao colectivo.

11.º—A Comissão Central de Organização e Propaganda da Semana da Criança veria ainda com prazer que as firmas industriais e comerciais: 1.º não se limitassem a concorrer com brinquedos já feitos, mas expusessem também material para as crianças poderem confeccionar brinquedos; 2.º empreendessem o fabrico de brinquedos educativos para as escolas no género do material educativo de Decroly, Descoedures, Montessori, etc..

**Uma série de desastres de aviação**

PARIS, 7.—O dia de domingo enlutou a aviação francesa, registando-se três desastres com cinco mortes.

Em Metz, chocaram-se dois aparelhos, morrendo os respectivos pilotos, um tenente e um sargento.

Em Lyon, um biplano, pilotado por dois tenentes, caiu antes da aterragem, succumbindo os dois aviadores pouco depois de entrarem no hospital.

Em Rabat, um outro avião, em voo de treino, caiu e incendiou-se. O tenente que o pilotava morreu carbonizado.

— (L)

## TARIFAS DOS ELÉCTRICOS

### A Carris não cumpre o contracto

A população de Lisboa está há oito dias pagando um excesso nas tarifas, que já deveriam ter baixado

Faz hoje oito dias que caducou o prazo de validade das tarifas que a Companhia Carris ainda cobra ao público que aos seus serviços tem de recorrer.

De toda a população é conhecido o contracto, firmado entre a empresa exploradora dos eléctricos e a Câmara Municipal, estabelecendo que aquela empresa alterará, trimestralmente, as suas tarifas-bases de conformidade com a média das divisas cambiais relativas ao trimestre precedente.

Segundo a letra do contracto terminou em 31 de Março passado um desmeses trimestres, e, por conseguinte, deveriam entrar em vigor, no dia 1 do corrente, novos preços de passagens nos eléctricos, de acordo com a baixa sofrida pela taxa-base. Porque a taxa-base tem de baixar.

Sendo, como dissemos, o câmbio que regula essas alterações, em face da baixa cambial verificada no primeiro trimestre do ano que decorre, mandava a lógica que os preços de passagens nos eléctricos tivessem baixado no princípio do mês corrente.

Mas não sucedeu assim.

A Carris, apesar de ter sido antepedidamente avisada, pela Câmara Municipal, de que se aproximava o termo do prazo em que eram válidas as taxas que ainda hoje cobra, não iniciou, na data respectiva, a cobrança de novas taxas.

Algo que escrevera para Londres, em onde espera uma resposta para dar execução às disposições do contracto.

A Câmara Municipal resolveu contemporizar, pois que tem a certeza de ver reduzi-las as tarifas dos eléctricos, em virtude das disposições contratuais que, a esse respeito, são bem explícitas.

Mas enquanto o assunto não se resolve a favor da população, como é desejo da Câmara e como é de justiça, vão os dias decorrendo e vai a Carris cobrando indevidamente um excesso nas tarifas a que já não tem direito. Isto é, está recebendo ilegalmente a cada passageiro, e por cada vez que ele se utiliza de um carro, umas dezenas de centavos, que pouco a pouco vão formando um bom aumento de receita e um razoável aumento de despesa ao público cidadão.

E contra esta ilegalidade, contra este abuso praticado em desfavor dos interesses dos consumidores ainda estes não levantaram o seu protesto como deveriam ter já feito.

Mas é indispensável que, a bem dos seus interesses esse protesto se faça ouvir, para que a Carris cumpra com o seu dever.

É necessário que o poderoso sindicato de Santo Amaro beneficie desde já, com a baixa de tarifas, o público que, tantas vezes já, tem sido agravado com a subida delas.

A Câmara Municipal está disposta a recorrer a todos os meios para levar a Companhia Carris de Ferro ao cumprimento daquilo a que se obrigou pelo contracto existente entre estas duas entidades.

Trata-se da defesa dos interesses de toda uma população. Urge portanto que o povo de Lisboa, levantando bem alto o seu justo protesto, contra o procedimento arbitrário da empresa dos eléctricos, dê a necessária força, à Câmara Municipal que, neste caso, o representa, para agir como é seu dever e como é sua intenção actuar, conforme as declarações já registadas na imprensa.

## UM RAPAZ ENDIABRADO

### atropela várias pessoas

NEW-YORK, 7.—A opinião pública está emocionada com os crimes cometidos por um aluno de uma escola, de Boston de quinze anos de idade que, tendo-se apoderado de um automóvel percorreu as ruas populosas da cidade de Boston com a velocidade de 90 quilómetros à hora, tendo atropelado várias pessoas. Foram lançados em sua perseguição vários policiais que fizeram fogo contra os pneumáticos do carro sem o poder atingir. O endiabrado rapaz abandonando o automóvel em que seguia apoderou-se sucessivamente de outro que encontrou pelo caminho. Tinha declarado aos seus camaradas de escola que havia de fazer uma larga viagem de aventuras de automóvel a toda a velocidade e que se matasse, algum se suicidaria e que se a polícia pretendesse prendê-lo se defenderia a tiro com uma pistola que possuía. — (R)

## Confiscará Herriot

### as fortunas adquiridas durante a guerra?

PARIS, 3.—Segundo informações colhidas aqui, projecta-se um grande imposto sobre o capital.

O grupo radical socialista iniciou uma campanha sobre a situação financeira, que teve como primeira consequência a demissão do ministro das finanças, Clementel.

O projecto consistirá, principalmente, numa espécie de extracção de capital a longo prazo que irá afectar principalmente as fortunas adquiridas durante a guerra. Há quem diga que Herriot pensa mesmo em confiscar-las completamente — o que nos parece exagerado passa o seu simples radicalismo.

Perante a enorme guerra que a oposição está movendo a Herriot, em virtude das medidas radicais por este ultimamente tomadas, o chefe do governo afirmou que preferia apresentar a dissolução das Câmaras, do que demitir-se ou desviar-se do caminho traçado de ante-mão. — V. V.

## CONTRA O "SÉCULO"

### O gesto dos vendedores de jornais aplaudido pelo público

O que disse à «A Batalha» um delegado que foi ao Porto

Quando há nove dias eclodiu o movimento dos vendedores de jornais, alguns espiritos scépticos duvidaram da forte decisão dos bravos rapazes.

Essa conjectura foi formada pelo administrador-delegado do «Século» que ingenuamente acreditou ser possível, nos tempos que decorrem, pulverizar-se num sópo a solidariedade duma classe. Que grande decepção deve ter sofrido o «cirineu»-mór em presença da atitude dos valerosos vendedores!

A-pesar-das fanfarronadas os prejuízos diários falam mais eloquentemente de que as notas publicadas no órgão das «forças vivas».

Mas como vale mais um capricho que todos os interesses o movimento prossegue e a solidariedade alastra o seu raio de acção.

Como ontem tivéssemos dado uma pequena notícia do movimento do Porto, entendemos de interesse público procurar informes completos sobre aquele gesto.

Um dos delegados enviados à capital do Norte era a pessoa autorizada.

Foi Alfredo Marques Pereira o nosso entrevistado. Conheciamo-lo antes da sua partida para a invicta cidade. Posto ao corrente dos nossos desejos, aquele vendedor inicia a narração da sua tarefa da seguinte forma:

**A recepção aos delegados**

—Chegámos quasi inesperadamente ao Porto. O nosso movimento, embora ali conhecido, não oferecia a mesma importância que em Lisboa.

«O órgão das «forças vivas» circulava como não existisse na capital uma luta valerosa como esta que «A Batalha» vem relatando. Em face desta circunstância, a presença da minha pessoa e do meu colega Manuel Dias de Matos veio pôr uma nota inédita na vida portuense.

—E foram bem recebidos pelos seus colegas do Porto? — perguntámos.

—Não podia ser melhor a recepção. O protesto, contra o sr. Pereira da Rosa, a-pesar-de não estar iniciado ali, vivia no entanto no coração dos meus camaradas.

Quando distribuímos um manifesto de que éramos portadores, pudemos verificar desde esse momento o início do gesto de solidariedade dos colegas do Porto. O movimento era desusado. Por todos os lados se discutia acaloradamente a atitude dos vendedores de jornais de Lisboa.

«Nos cafés a discussão tomava maior calor, e ao O Século, que já não vive muito nas graças duma boa percentagem de «trapeiros», começava a criar-se um ambiente desfavorável».

—Como foram sucedidos nas primeiras «démarches»? — fizemos.

—Admiravelmente. Como existem duas associações de vendedores de jornais foi mais trabalhosa a nossa missão. Era mister consultar as entidades pertencentes às duas agremiações.

«Bem sucedidos de princípio com o agente exclusivo da venda dos jornais no Porto, o sr. Braga. Procurámos junto dos principais elementos abordar o assunto. De sucesso em sucessos, conseguimos falar na assembleia conjuntada das duas associações, que se realizou no sábado à noite».

**Numa imponente assembleia foi votado o movimento de solidariedade**

Uma pausa corta a interessante exposição de Marques Pereira que, num misto de alegria e comoção, prossegue:

—Não pode calcular o que foi essa indelevel reião, que comportava o maximo dos vendedores do Porto.

«Todos os colegas foram unânimes em reconhecer a nossa justiça. Produziram-se as mais rasgadas afirmações de solidariedade dos vendedores de jornais e de protesto contra a atitude da empresa de O Século».

—E como foi votado o movimento?

—No meio de grande entusiasmo. Depois de falarem os delegados de Lisboa, aprovou-se uma moção declarando o movimento para o dia seguinte. Este só terminaria quando de Lisboa for comunicado o fim do movimento.

—Mas são possíveis defeições?

—Tudo é possível, é claro. Para obviar a esses inconvenientes, foi aprovada outra moção que estabelece «que se o agente no Porto não quiser fornecer os outros jornais sem O Século a classe não levante nenhum».

**A-pesar-das perseguições da polícia...**

—Não depararam com contrariedades de maior?

—Com a classe não; mas por parte da polícia algumas, embora de menor importância. No curto espaço de tempo que permanecemos no Porto fomos constantemente perseguidos pela polícia. Nas ruas, nos cafés, nos restaurantes, nas associações, em toda a parte a polícia nos aparecia. A-pesar-desta perseguição não conseguimos amedrontar-nos, porque conseguimos desmpear-nos da nossa missão...

—E o movimento foi secundado por toda a classe? — inquirimos.

—Não se registou defeições. Apenas o agente exclusivo não está com o movimento, por razões que não será muito difícil compreender...

—No dia em que se iniciou o movimento o espectáculo foi muito interessante. Entre outros de casos que tomámos nota lembra-me agora este: Um comerciante di-

## Inquilinos-senhórios

### Um improvisado gerente de casa de hóspedes com pretensões a ditador

Josefina Isaura Passos, casada com Renato F. Alvarenga Passos, mora há dois anos numa parte de casa na rua de São Ciro, 28, r/c, andar este arrendado a Maria Gonçalves, a qual, desde que admitiu aquela hospedeira, tem habitado na Calçada dos Mes-tes, 74, r/c.

Há tempos foi morar para a rua de São Ciro, um genro de Maria Gonçalves, chamado António do Carmo, 1.º tenente ma-quinista reformado da armada, que arren- dando-se em gerente da casa pretendeu ex- pulsar os hóspedes, tendo-os intimado no dia 29 do passado mês a procurarem aloja- mento até ao dia 6 do corrente.

Ontem, quando os hóspedes se dispu- nham a transportar a mobília para casa de pessoa da sua confiança, o tenente Carmo impediu-os de o fazer e quiz desvassar-lhes todas as gavetas e malas, na presença das restantes pessoas que na mesma casa moram, ao que os hóspedes se opuseram, não querendo depois o tenente que eles saís- sem.

Isto originou um conflito, reclamando o Carmo um civico para prender Renato Passos.

Sendo ambos acompanhados à esquadra da Lapa, o cabo de serviço não prendeu o hóspede porque viu ser isso um absurdo.

Como o sr. Renato Passos e sua esposa são os hóspedes mais antigos da casa, onde a arrendatária não habita, decidiram, por- que a isso têm direito, continuar a morar nela e legalizar a sua situação, pelo que fo- ram depositar na Caixa Geral dos Deposi- tos a quantia que consta do § 1.º do artigo 94.º do decreto n.º 5111 de 17 de Abril de 1919 e do regulamento da policia adminis- trativa de 29 de Setembro de 1924.

Entretanto não voltaram a entrar em ca- sa, onde têm todos os seus haveres de que não podem utilizar-se, querendo o tenente, que de qualquer maneira quer expulsar os hóspedes, que eles vão buscar a mobília, impedindo-os de entrarem em casa.

Têm-se já queixado na esquadra ao gover- no civil, ao juiz de direito e a várias entida- des, que não se dispõem a intervir ou a in- dicar-lhes o que devem fazer.

Apenas o sr. Cristóvão, juiz de paz da área, que não tem atribuições para ocupar do assunto, pretende favorecer o sr. Car- mo, dizendo aos hóspedes que devem retirar a mobília da rua de São Ciro, no prazo de oito dias.

Ninguém se dispôs a fazer respeitar os inegáveis direitos dos hóspedes à casa onde habitavam.

**Comissão de Beneficência «20 de Abril»** — Distribuiu proximamente vesti-ário e calçado a 200 crianças. Recebemos um amável convite para lhe enviarmos uma criança para lhe serem tomadas medidas. Em nome da contemplada agradecemos.

## MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

**Cooperativa dos Canteiros** — Refine amanhã em assembleia geral para leitura do relatório e contas da gerência anterior, e parecer do Conselho Fiscal.

## Semana laica

Promovida pela Associação de Registo Civil, realiza-se até 12 do corrente, as seguintes conferências e sessões de propaga-nda de livre pensamento.

Dia 8. — Centro dr. Bernardino Machado. — Conferente: dr. Agostinho Fortes. — Con- tro dr. Magalhães Lima. — Conferente: La- dislau Batalha. — Centro Boto Machado. — Conferente: dr. Jaime Gouveia. — Dia 9. — Centro de Campo de Ourique. — Conferen- te: Artur Moreira Liberal. — Centro Repu- blicano de Ajuda. — Conferente: capitão Manuel Olivij Junior. — Dia 10. — Centro To- mas Cabreira. — Conferente: dr. Daniel Ro- drigues. — Centro Alferes Malheiros. — (ses- são) — Oradores: Júlio Berto Ferreira, Paulo Caldeira e Constantino Martins. — Dia 11. — Centro Socialista de Lisboa. — Conferente: dr. Ramada Curto. — Centro de Belem. — (sessão) — Oradores: dr. Campos Lima, Lino da Silva, e Cesar da Silva.

Para encerrar esta série de conferências e sessões, realiza-se há no domingo, 12, na sede da Associação do Registo Civil, uma sessão presidida pelo ilustre presiden- te honorário, dr. Magalhães Lima, sendo oradores os srs. Ladislau Batalha, dr. Agos- tinho Fortes, dr. Daniel Rodrigues, dr. Orlando Marçal, dr. Coelho de Carvalho, Simões Torres, drs. Reis Santos e Almeida Ribeiro. Todas estas sessões e conferências se realizam às 21 horas dos dias acima marcado.

rigiu-se a um pequeno vendedor e pediu- the *O Seculo*. Resposta do garoto: — Não tenho. F. «cirineu»!

«E largou numa carreira apregoando os outros jornais».

### A «regularização» da venda do «Se- culo» em Lisboa

— Diga-nos agora o que se oferece sobre Lisboa... — Está absolutamente garantido o nosso movimento. Em Lisboa onde se vendiam 30.000 exemplares, vendem-se actualmente umas escassas dezenas...

«E note, afirma o nosso interlocutor, se não existisse o concurso de factos essa insignificância ainda era reduzida!»

«Pode asseverar que os vendedores sa- berão conduzir até final o movimento, por- que não lhes falta, nem justiça, nem o aplauso do público. E com as provas de solidariedade constantemente manifestadas só este futuro nos aguarda: a vitória!»

E com esta exclamação estava finda a entrevista.

### Os vendedores das linhas de Cascais e Setúbal solidarizam-se com o movimento

A assembleia dos vendedores de jornais abriu ontem a hora habitual.

O presidente, depois de se referir em termos lisonjeiros ao estado do conflito, bordou várias considerações sobre a situa- ção dos vendedores nas linhas ferreas que, em seu entender, deve modificar-se. Desta opinião participaram alguns vendedores, tendo sido aprovado por aclamação que seja iniciado hoje nas linhas de Cascais e Setúbal o movimento contra *O Seculo*.

A forma de levar a efeito esta resolução foi vivamente discutida, comprometendo-se os vendedores daquelas linhas, largamente representados, a respeitá-la fielmente.

## Os livros e os autores

### OS POBRES, de Raul Brandão

Em 2.ª edição, a Livraria Aillaud e Ber- trand acaba de lançar a publico a notável obra de Raul Brandão — *Os Pobres* — que abre com um soberbo prefácio de Guerra Junqueiro e vem enriquecida com uma bela capa do desenhador Stuart Carvalhais.

Raul Brandão ocupa hoje em Portugal um dos primeiros lugares na vida literária, de modo que qualquer trabalho seu que surge é um verdadeiro acontecimento.

A critica de *Os Pobres* está de há muito feita. Traçou-a magistralmente Guerra Jun- queiro, há mais de vinte anos, quando escre- veu a carta-prefácio que acompanha a obra.

Os comentários que, a propósito da 2.ª edição, se poderiam produzir, ficarão me- lhor quando se estudar, num plano geral, toda a obra deste grande escritor.

*Os Pobres* não é o melhor livro de Raul Brandão, quanto à factura literária. Deve, porém, ser o maior quanto ao pensamento humanista e ao sentido trágico dos humil- des, dos desgraçados, que nestas páginas tem uma gloriosa divinização.

Mesmo Raul Brandão, mais filósofo do que artista, mais pensador do que literato, relega para segundo plano os labores do estilo. A dor humana, o destino misterioso das almas, a vida nocturna dos deserdados da sorte — eis o objectivo da sua obra de escritor, onde paira, dominante e forte, um enorme sentimento de compaixão humana.

As suas páginas, por vezes, inacabadas como perfeição literária, todavia são pon- tamentos de uma profundidade sem par, sin- teses de miséria dadas numa rapidez de re- lâmpago, cujo poder de verdade e emoção transfigura os rostos e sacode, em brusco repêlo, as almas.

No seu laboratório mental, entre cená- rios descombinados pela ventania, ruínas de mansardas e pardieiros sombrios, como que se sente o escritor debruçado sobre aquelas figuras torcidas, esfomeadas, mal- queridas — amalgama de miséria, de crime, podridão e vício — tendo para todas a mi- sericórdia do seu olhar cristão.

Nesse género literário ninguém trabalha melhor entre nós. E as figuras-laras, do Gêbo, Gábiru, a Monca, a Luísa e toda a comparsa de mendigos, prostitutas e la- drões que Raul Brandão ergueu dessa en- xurrada de lodo e trabalho — embora por vezes com desnecessária insistência do mesmo motivo dramático — ficaram na li- teratura portuguesa como joias de inestimá- vel valor.

Mista de cristão e panfleteiro, Raul Bran- dão depois de cantar a miséria das viélas, a tristeza sombria dos pátiós e saguões, os bichos e os insectos, também celebra a na- tureza, os campos, a água, as estrelas e o luar. Mas porque a dor humana se tornou o grande manancial da sua arte, as suas pági- nas veem sempre sombrias, pungentes de sarcasmo, veladas de amargos ironias e através de toda a sua obra como que se presente o olhar de febre de mil ingloriosas suicidas, o uivar agourento dos cães ao abandono, os soluços estrangulados de toda uma humanidade desgraçada.

Raul Brandão é o maior cronista da Dór, dos nossos tempos. Os pobres, os humil- des, os desiludidos e desgraçados devem- lhe essa linda homenagem.

Escusado dizer que esta edição, como a primeira de *Os Pobres*, teve o melhor êxito.

### AO SOL, notas de Mota Cabral

*Ao Sol* é um livro de crónicas, confere- nças, impressões e notas, escrito pelo prosador ribatejano Mota Cabral.

Justificando uma velha opinião de que quasi todos os médicos, quando escrevem, são literatos interessantes, Mota Cabral deu-nos um livro quasi perfeito, com pági- nas verdadeiras curiosas.

*Ao Sol* é um pregão rubro, como o seu nome indica, de toda a beleza rural, má- scula e sadia, que se estende ao sol sobre a terra ribatejana. Fala dos vastos campos onde as searas fulvas e as papoulas verme- lhas se crestam sob as ardeências dorne- das do meio dia; pinta as pastagens doces das lezírias onde desmaiam poentes roman- tizados pelo Tejo; e conta dessas cenas barba- ras e das tentas, farras, derribas e touradas, brigas entre touros e moços cam- pinos nos velhos pátiós e terreiros sola- reiros.

É um livro português, evocação de cos- tumes e tradição bem portuguesa, que, com suas caçadas, pescas, arraiais e touradas, dá uma colecção de quadros literários bem gratos ao temperamento ocidental.

Mota Cabral, embora sem unidade de estilo, por vezes trata bem, mesmo supe- riormente, o assunto. As suas crónicas *Pelo Tejo*, *A casa de Marcelino*, *Uma Ten- ta*, são perfeitas. Mal aproveitadas as pá- ginas que intitulou *A Torre Bela*, onde há pedaços de sobeja descrição, mas onde lhe faltou a peça principal — aquele episó- dio encantador da caça ao veado, que não foi trabalhado com o esmero devido.

Embora estes reparos e outros que se poderiam fazer, todo o livro se lê com in- teresse — tem beleza, tem cor, movimento, e desperta saúde, alegria.

Um pouco descabidas pareciam-me al- gumas notas dum exagerado tradicionalis- mo, quasi politico, para um espirito de- sempeçoado e artista como deve ser Mota Cabral.

Porque, por menos romântico que seja, ou queira ser o autor, a verdade é que estamos no século XX, e se usarmos das qualidades da época, também temos que lhe suportar os defeitos. O passado só é belo como... passado; e só o presente é realidade.

Claro que estes comentários em nada fazem diminuir o valor do livro que, sinceramente, apreciei.

A edição da «Portugalia» bem apresen- tada, e com belos desenhos de Simão da Veiga e António Soares.

JULIÃO QUINTINHA

## TEATRO NACIONAL

Hoje em recita da moda

### O ABADE CONSTANTINO

Encenação do prof. Augusto de Lacerda

Scenários novos de Campos, Oliveira e Baltazar Rodrigues

## EM AVIZ

### Uma manifestação grandiosa

Com grande imponência realizou-se uma procissão, que foi uma bela demons- tração de fé na protecção de Deus...

AVIZ, 5. — Em 29 do passado mês reali- zou-se aqui a exibição nas ruas de uma procissão, para o que veio uma banda de Fronteira ganhar, muito catolicamente, dois mil escudos.

Fizeram o frete de acarretar os santos de pau pessoas da classe burguesa, mulheres e alguns homens do campo.

Ao passar o cortejo religioso na rua dos Calados, um rapazinho deixou cair a tocha que empunhava, incendiando a opa doutro pequeno tocheiro, o que provocou grande barafunda, gritando que os «bolxevistas da associação» tinham deitado bombas (bom- bas sem estampido?), fugindo cada um para seu lado, atropelando-se uns aos outros, deixando os pobres santos abandonados. Algumas mulheres ficaram com as vestes rasgadas e as «vergonhas» expostas aos «místicos» olhares de fieis herejes.

A maioria dos manifestantes, numa he- roica demonstração de fé na omnipotência do «senhor», refugiaram-se no primeiro ca- sebre que encontraram aberto ou fugiram para locais bastante afastados, entrando em casa afilhados, espalhando o boato de que havia revolução.

Um fiel entrou, não se sabe como, por um postigo duma qualquer casa, como um gato pela gaiteria.

Apenas se pôde adivinhar com a «tre- menda catástrofe», os músicos e alguns a- seus que acorreram ao ouvir o cristianis- mo alarido.

Como represália (???) do desastre acon- tecido na procissão o delegado do governo mandou prender um trabalhador, que nem sindicado é, mantendo-o incomunicável 24 horas.

Esse mesmo delegado do governo, que prendeu um trabalhador sem motivo algum justificativo, que permite as procissões, e a lei lhe manda proibir, não se lembrou ain- da de fazer cumprir o decreto, que regula- menta o preço das farinhas, pois estas ven- dem-se a 22500 os 10 quilos, nos quais os lavradores ganham cerca de nove escudos. — C.

## UM HORRIVEL DESASTRE

LONDRES, 7. — Ficaram feridas 30 pes- soas das quais 11 em estado muito grave de- vido à colisão entre um «tramway» com um vagão a vapor em Rochdale. O «tramway» depois do choque recuou com violência por uma descida, tendo o guarda-freio ficado esmagado de encontro à plataforma e im- possibilitado de fazer qualquer movimento. O carro veio desfazer-se de encontro a uma parede. O pânico causado por este acidente foi enorme. — (R.)

## INSTRUÇÃO

Uma escola em Constantinim

Foi aceite a oferta de um edificio esco- lar que o sr. Emídio de Sousa Botelho to- mou o compromisso de mandar construir e doar ao Estado, para instalação da escola de ensino primário geral da sede da freguesia de Constantinim, concelho de Vila Real.

Comissão Escolar da Construção Civil

Por motivos imprevistos, não reúne hoje esta comissão, devendo a reunião realizar-se na próxima 5.ª feira, 10 do corrente.

## AGREMIações VARIAS

**Nova Voz.** — Sociedade Esperantista Operária. — Para tratar de assuntos ur- gentes reúne hoje, às 21 horas, o curso prático.

**Liga de Instrução e Progresso da Escola Afonso Domingues.** — Reúne hoje a assembleia geral pelas 20 horas no edificio da escola para tratar, entre ou- tros assuntos, da excursão a Queluz.

**Sociedade «A Voz do Operário».** — Esta Sociedade, que ainda há dias fez uma larga distribuição de calçado pelos seus alunos pobres, tencionava no próximo do- mingo reunir na sua sede todos os seus alunos, fazendo por eles uma grande dis- tribuição de prendas e donativos recebidos.

Surgindo, porém, dificuldades, que é im- possível de remover até essa data, a com- missão administrativa resolveu transferir essa reunião de alunos e a respectiva dis- tribuição de brindes para o domingo se- guinte.

**Socorro Vermelho.** — Reuniu pela 1.ª vez no passado dia 1 do corrente a secção portuguesa do Socorro Vermelho Interna- cional.

Aprovou o relatório moral e financeiro apresentado pela comissão central, e nome- ou uma comissão composta pelos dele- gados dos Operários Alfaiates, dos ferro- viários da C. P. e do Pessoal do Arsenal de Marinha, para darem o seu parecer sobre o relatório. Registou com satisfação a adesão moral dada ao Socorro Vermelho pelas Juventudes Sindicistas de Lisboa na sua primeira Conferência e dos sindicatos dos Empregados do Comércio de Lisboa e Rurais de Coruche.

Aprovou também uma moção dando o apoio à campanha do jornal *A Batalha* contra o péssimo regime prisional que tem as seguintes conclusões:

1.ª Saudar *A Batalha* pela sua louvável atitude; 2.ª Participar em absoluto do su- pra-citado movimento nacional dentro das indicações da comissão central do S. V. I.

**VIDA ANARQUISTA**

**Os Mártires.** — Reuniu este grupo que resolveu mudar a sua denominação para grupo anarquista *Vida Nova*. Deu a sua adesão à U. A. P. e deliberou iniciar uma série de conferências doutrinais.

JULIÃO QUINTINHA

## O assalto ao cobrador da Companhia da Pesca

### Está-se forjando em torno dum caso de rua uma inverosímil novela policial

O assalto que ante-ontem se fez a um cobrador da Companhia Portuguesa de Pesca a quem arrebataram uma mala con- tendo, dinheiro e cheques na importância de 120 contos, deu origem a uma autêntica novela forjada pela imaginação incandes- cente da policia. Como referimos o assalto ao cobrador foi realizado por 4 indivíduos, um dos quais guiava o «side-car» em que todos se puzeram em fuga.

A policia que provavelmente não desco- briu os autores do assalto já arquitetou a existência dum numeroso grupo composto por 50 indivíduos que pretendem afastar-se de Portugal, depois de terem conseguido apoderar-se de quantias importantes. Esse grupo teria também efectuado assaltos se- melhantes aos praticados no último carna- val às casafde batota, afim de arranjarem dinheiro por meio de intimidações.

Como de costume nestes casos em que a policia não possui elementos de investi- gação que a habilitem a descobrir os incul- pados, afirma-se que ela descobriu pistas importantes que lhe permitiram efectuar prisões. Afinal a pista importante da policia consiste, em primeiro lugar, na prisão de Adriano de Figueiredo. Ora esta cri- stura não se encontra em Portugal admiran- do-nos portanto como é que a policia pôde, sem sair de Lisboa, conseguir prendê-lo.

Sob a acusação de terem assaltado o co- brador da Companhia Portuguesa de Pesca foram presos Alvaro Damas e Arsenio José Filipe, Mário Fontanilha, Mário Silva, José de Almeida Figueiredo, José Maria Júnior e Manuel Abrantes, tendo sido passados mandados de captura contra José Gomes Pereira, Avante, e Joaquim António Perra- ra, Bela-Kun. Parece que a P. S. E. quer especular habilmente com este caso para exercer perseguições a elementos operários e avançados.

Os artistas Consuelo Archavala e Lus- bel, que se apresentam pela primeira e única vez ao publico de Lisboa, no São Luis, na festa do maestro Luis Gomes, que se realiza na noite de 13 do corrente, apre- sentam vistosos scenários e riquíssimo guarda roupa.

— A festa da actriz Sofia Santos, realiza- se na noite de 20 do corrente no São Luis, com a reprise da opereta portuguesa *A Leiteira de Entre Arroios*.

**Noticias**

Durante a presente semana estreiar-se-á no Coliseu uma nova e primorosa edição da «Vida de Cristo» onde, em 6 capítulos, se desenrola a vida completa do «Mártir do Golgotha». A orquesra do Coliseu está en- sando música sacra para acompanhamento deste extraordinário film. Faz ainda parte do programa o drama «O triunfo do lar».

— Vão muito adiantados os ensaios da revista «Tirolos» com que o teatro Apolo vai inaugurar dentro de poucos dias a época de verão, tendo remodelado a sua compa- nhia e fazendo uma montagem, para a nova revista, completamente nova.

**Reclames**

A comedia actualmente em scena no Nacional, tanto no romance como na peça, pode considerar-se uma espécie de antidoto contra os excessos do naturalis- mo e do realismo. Enredo que transpasa saúde e poesia, personagens duma beleza moral verdadei- ra, ideal, acção, toda ela, que faz as delicias de todos os corações.

— São três actos idilicos «O Abade Constantino» em que não passam almas perversas.

— No Eden Teatro terminam hoje os espectáculos com o actual programa de Variedades. No sábado, apresente-se a maior cracração desta época, a celebre Troupe de Bailados Russos «Elizoff», treze artistas cujo trabalho e um protexo de Beleza e de arte co- reográfica.

— Estabe- na quinta e na sexta-feira desta sema- na, no «crânio» do Cinema, Gil Vicente o film «Vi- da de Cristo», em 6 actos, reconstituição do drama do Calvário, do qual a empresa adquiriu uma copia para atender aos inúmeros pedidos dos seus frequen- tadores. Estreiar-se-ão também nestes dois dias os films: «Segredo de Polichinelo», em 6 actos, e «Fe- licidade conjugal», em 6 actos, constituindo assim um programa em nada inferior aos dos grandes ci- nemas da capital.

— As exhibições comecam ás 14,00 em sessões con- cuitivas, a preços populares.

**Nacional**

É merecedora de se ver e de se aplaudir com entusiasmo a peça O ABADE CONSTANTINO, agora em scena neste teatro, não só pelas suas delica- das scenas como, também, pela requintada arte com que está sendo interpretada.

**Eden Teatro**

(Telefone Norte 3800)

Empresa Conceição Silva, Ltda.

11 de Abril: SÁBADO DE ALELUIA

ESTREIA

DA

TROUPE RUSSA

Cantos e bailes regionais - Trajes característicos

Luxuosissima apresentação

VERDADEIRA MARAVILHA ARTISTICA

**O MEU MENINO**

Comedia dramática em 5 partes

Produção Gaumont

Neste «film» exhibe-se uma emocionante

corrida de barcos a motor

Um documentário português

5.ª e 6.ª feira

«Matinée» às 2,30 horas

SABADO E DOMINGO

Unicas exhibições de

Através da Africa selvagem

O mais extraordinário film deste género

BILHETES Á VENDA

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### NO TRINDADE

A fantasia «As tangerinas mágicas»

Temos que registar o esforço da em presa José Loureiro remontando «As tangerinas mágicas» com o esplendor com que o fez. Efectivamente o fausto com que a fantasia foi reposta em scena, indica um arrojio a que não estamos habituados em palcos por- tuguêses. A profusão da cor, a riqueza do matiz, salvam a peça inadequável já às exi- gências modernas do gosto, mesmo que esse gosto tenha exclusivamente no agrado aos olhos e na retenção da curiosidade.

Com essa inadaptação da peça e com a tristeza inata das nossas coristas, teve que lutar a interpretação em geral diligen- te mas apagada cuidadosas mas descolorida.

Com os trezentos contos que José Lou- reiro gastou com «As tangerinas mágicas» que de bom se poderia ter feito no campo da mágica teatral moderna! Toda aquela massa coral, onde há bonitas caras, sem a melancolica fisionomia de pessoas que estão no palco a ganhar uns escudos para comer porcos, poderia ser aproveitada numa revista de feeries, em que a vida actual passa num frenesi de gosto, numa apoteose de prazer!

Mas assim não foi e resultou mau.

Não é preciso dispor de duas linhas para dizer com a realidade da representação não correspondeu à ilusão do empreendimento.

Os nomes que figuram no «elenco» me- recem, arqueologicamente a nossa estima e preferimos evocar como testemunha a aura do seu passado.

O que fica de pé, magnifica, lúida, im- pressiva é a arte scenográfica, que interveiu na peça, em que há bom gosto, alegria, frescura e cor. Marcaram bem os seus lu- gares os scenógrafos, pelo seu trabalho ar- tístico. Salvaram «As tangerinas mágicas»; eis tudo.

NOGUEIRA DE BRITO

**Festas artisticas**

Os artistas Consuelo Archavala e Lus- bel, que se apresentam pela primeira e única vez ao publico de Lisboa, no São Luis, na festa do maestro Luis Gomes, que se realiza na noite de 13 do corrente, apre- sentam vistosos scenários e riquíssimo guarda roupa.

— A festa da actriz Sofia Santos, realiza- se na noite de 20 do corrente no São Luis, com a reprise da opereta portuguesa *A Leiteira de Entre Arroios*.

**Noticias**

Durante a presente semana estreiar-se-á no Coliseu uma nova e primorosa edição da «Vida de Cristo» onde, em 6 capítulos, se desenrola a vida completa do «Mártir do Golgotha». A orquesra do Coliseu está en- sando música sacra para acompanhamento deste extraordinário film. Faz ainda parte do programa o drama «O triunfo do lar».

— Vão muito adiantados os ensaios da revista «Tirolos» com que o teatro Apolo vai inaugurar dentro de poucos dias a época de verão, tendo remodelado a sua compa- nhia e fazendo uma montagem, para a nova revista, completamente nova.

**Reclames**

A comedia actualmente em scena no Nacional, tanto no romance como na peça, pode considerar-se uma espécie de antidoto contra os excessos do naturalis- mo e do realismo. Enredo que transpasa saúde e poesia, personagens duma beleza moral verdadei- ra, ideal, acção, toda ela, que faz as delicias de todos os corações.

— São três actos idilicos «O Abade Constantino» em que não passam almas perversas.

— No Eden Teatro terminam hoje os espectáculos com o actual programa de Variedades. No sábado, apresente-se a maior cracração desta época, a celebre Troupe de Bailados Russos «Elizoff», treze artistas cujo trabalho e um protexo de Beleza e de arte co- reográfica.

— Estabe- na quinta e na sexta-feira desta sema- na, no «crânio» do Cinema, Gil Vicente o film «Vi- da de Cristo», em 6 actos, reconstituição do drama do Calvário, do qual a empresa adquiriu uma copia para atender aos inúmeros pedidos dos seus frequen- tadores. Estreiar-se-ão também nestes dois dias os films: «Segredo de Polichinelo», em 6 actos, e «Fe- licidade conjugal», em 6 actos, constituindo assim um programa em nada inferior aos dos grandes ci- nemas da capital.

— As exhibições comecam ás 14,00 em sessões con- cuitivas, a preços populares.

**Nacional**

É merecedora de se ver e de se aplaudir com entusiasmo a peça O ABADE CONSTANTINO, agora em scena neste teatro, não só pelas suas delica- das scenas como, também, pela requintada arte com que está sendo interpretada.

**Eden Teatro**

(Telefone Norte 3800)

Empresa Conceição Silva, Ltda.

11 de Abril: SÁBADO DE ALELUIA

ESTREIA

DA

TROUPE RUSSA

Cantos e bailes regionais - Trajes característicos

Luxuosissima apresentação

VERDADEIRA MARAVILHA ARTISTICA

**EDEN TEATRO**

Empresa Conceição Silva, Limitada

— Telef. N. 3800 —

MARCO POSTAL

Sentado... F. B. Assinatura ficou pago até 30 de Junho... F. P. Suplemento fica pago até 30 de Junho.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE ABRIL

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
D.	5	12	19	26	Aparece às 6,11
S.	6	13	20	27	Desaparece às 19,06
T.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	1	8	15	22	Q. C. dia 1 às 8,42
Q.	2	9	16	23	Q. M. " 9 " 3,33
S.	3	10	17	24	L. N. " 28 " 2,28

CAMBIO

Países	Compra	Venda
London, 10 dias de vista	88,25	88,75
London, cheque	88,25	88,75
Paris	120,2	120,7
Switzerland	32,5	32,8
Belgium	32,5	32,8
Holland	8,18	8,24
Madrid	20,30	20,4
New-York	20,30	20,4
Buenos Aires	20,30	20,4
Sao Paulo	20,30	20,4
Brasilia	20,30	20,4
Recife	20,30	20,4
Porto Alegre	20,30	20,4
Curitiba	20,30	20,4
Boa Vista	20,30	20,4
Macapa	20,30	20,4
Belem	20,30	20,4
Manaus	20,30	20,4
Porto Velho	20,30	20,4
Guaymas	20,30	20,4
Libras ouro	104,00	107,25

ESPECTACULOS

TEATROS  
Sao Carlos - A's 21,25 - O Sinal de Alarma.  
Nacional - A's 21,25 - O Abade Constantino.  
Sao Luis - A's 21 - Concerto pelo Orfeon Academico de Lisboa.

Um ajudante de maquinas

e bons carpinteiros, precisa-se na Avenida Elias Garcia, 114.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas e cascas de maquinas, tubos, molas, chumbeiros de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 5 e quiosque.

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Sistema americano

Grande alegria nos lares

GENÉROS de mercearia e papeleria a retalho pelo preço de atacado. Rua de São João, 24 a 26.

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POAIS DE SÃO BENTO, 37

**CASTANHO MUITO SECO**  
Cargos dos Inglesinhos, 50  
LISBOA

**CAPAS DE OLEADO**  
—DESDE—  
**60\$00**  
OPTIMAS qualidades. Nova fábrica de José Ferreira Gomes, Ltd., R. do Vale de Santo António, 55 — Telef. 3315-C.

**OURO MAIS BARATO**  
Vende a Ourivesaria A. M. NEVES  
RUA DOS ANJOS, 26  
(em frente à Calçada do Conde Pombeiro)  
Da sua magnífica exposição que constitui um belo sortido de CADEIAS, CORDÕES, BRINCOS e mais objectos próprios para BRINDES.

**Valério, Lopes & Ferreira, Lda**  
FERRAGENS E FERRAMENTAS  
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, — guarnições para móveis —  
Chapa ferro preta e zincada  
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.  
84, R. DO IMPERADOR, 86—LISBOA— TELEF. 3930, N. GRAMAS, FERRAGENS

**FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS**  
em boas fazendas de lã com bons forros desde **169\$00**  
IMPREMISSÍVEIS INGLESES com tinto e tapuz, desde **169\$00**  
**CAPAS ALENTEJANAS** desde **199\$00**  
**CALÇAS** desde **40\$00**  
ABATIMENTOS PARA REVENDA  
**O CHAVES DO CONDE BARÃO**  
170, RUA DA BOAVISTA, 172

End. Electr. **A ACTIVA** TELEF. 1601-3474  
**ACTIVA** RUA 24 DE JULHO, 8 a 10

**CONSTRUÇÕES CIVIS**

**António Fraga, Suc.º**  
OURIVES-JOALHEIRO  
Rua da Palma, 6 a 12  
Lembro aos meus amigos e fregueses que continuo vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalharia, por preços com os quais ninguém pode competir, embora haja quem se inco-mode por eu estar vendendo tão barato. Peço uma visita à minha casa. Temes aqui com pedras finas, desde 3000. Confrontem a qualidade das brilhantes e as suas peças, e verão depois quem melhor e mais barato vende. Há sempre artigos em 2.ª mão renovados com pouco feitiço. Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a rua da Palma  
TELEFONE 3676 NORTE

**MATERIAL ELÉCTRICO PARA RAIOS, MONTAGENS E REPARAÇÕES TELEFONES E CAMPAINHAS**  
**FORÇA MOTRIZ**  
TELEFONE C. 5420  
**LOPES & VALÉRIO, Lda**  
(ELECTRICITY)  
ABAT-JOURS EM ARAME  
Rua Nova do Almada, 16  
LISBOA

**Serviço de livreria de A BATALHA**  
FOLHETOS  
Eliseu Reclus - Anarquia e a igreja... 1\$00  
Gonçalves Correia - A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura... 50¢  
José Prat - A burguezia e o proletariado... 50¢  
Content - Contra o confusãoismo... 50¢  
Alfredo Neves Dias - Razão (poema social)... 50¢  
Landauer - Social Democracia... 50¢  
R. Mela - O princípio do fim... 50¢  
A. Maconaria e o proletariado... 50¢  
J. Most - Peste religiosa... 50¢  
J. Rio - Trovas da noite... 50¢  
Definições sociais... 50¢  
Contos dum revoltado... 50¢  
Robert o Pescador... 50¢  
Carnet de Pensamento... 50¢  
J. Bakunine - No sentido em que somos anarquistas... 50¢  
Chueca - Como não ser anarquista... 50¢  
B. Lazare - A Liberdade... 50¢  
J. Etrevant - A minha defesa... 50¢  
Kropotkin - A mocidade... 50¢  
Os bastidores da guerra... 50¢  
Moral anarquista... 50¢  
J. Quedes - Lei dos Salários... 50¢  
Roland - A greve geral... 50¢  
Roland - Rússia Nova... 50¢  
O sindicalismo e os intelectuais... 50¢

**A GRANDE BAIXA DE CALÇADO**  
SÓ COM O LUCRO DE 10%  
NA  
**SAPATARIA SOCIAL OPERARIA**

Sapatos para senhora... 300¢  
Sapatos em verniz... 380¢  
Botas pretas (grande saído)... 480¢  
Botas brancas (saído)... 480¢  
Grande saído de botas pretas... 480¢  
Eotas de couro para homem... 480¢

As melhores saídas da União  
Tomé Feiteiras  
Vieira de Leiria  
Pedir em todas as lojas de ferragem  
Em preços e tempo para rivalizar com as melhores marcas inglesas.  
Fechados aos nossos representantes e Depo-sitantes em Lisboa ara, Ferreira & C.ª, Lda - Calçada do Marques de Abrantes, 138 - Telef. C. 132

**LIMAS**  
As melhores saídas da União  
Tomé Feiteiras  
Vieira de Leiria  
Pedir em todas as lojas de ferragem  
Em preços e tempo para rivalizar com as melhores marcas inglesas.  
Fechados aos nossos representantes e Depo-sitantes em Lisboa ara, Ferreira & C.ª, Lda - Calçada do Marques de Abrantes, 138 - Telef. C. 132

**FABRICA**  
de ardlhos, mosaicos, azulejos, cimento  
**GOARMON & C.ª**  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
— TELEF. C. 1244—LISBOA—

**Caminhos de Ferro Portugueses**  
Material e Tracção  
ADMISSÃO DE PESSOAL  
Admite-se um casquinheiro impre-midor e um soldador autogéneo, nas oficinas desta Companhia.  
Para tratar no edificio dos escritórios das Oficinas Gerais em Santa Apolónia.

**Ourivesaria e Joalharia**  
**Santos Catita, Lda.**  
R. da Boavista, 22 - R. Eugénio dos Santos, 44  
Grande sortido em objectos de ouro e prata para brinde  
JOIAS E PEDRAS FINAS  
Relógios das melhores marcas de ouro, prata e aço  
Compra por alto preço: ouro, prata, moedas e joias

**Mensuração**  
Aparece rapidamente tomando o **FERREOL**  
Caixa 15\$00. Pelo Correio 16\$00  
R. da Escola Politécnica 16 e 18  
LISBOA  
Depósito Geral de Lanifícios  
267 R. do Tejo  
Venda directa ao publico de CHEVIOTES  
para 17\$00 cada metro  
e FATOS DE FANTASIA

**BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL**

**Elementos gerais**  
Algebra elementar  
Nomenclatura, notação e operações algébricas; equações do 1.º e 2.º grau; teoria dos logaritmos; exercícios algébricos e tábuas de logaritmos dos números 1 a 10000, por GUILHERME IVENS FERRAZ.  
1 volume de cerca de 300 páginas, encadernado em percalina... 13\$00  
Aritmética prática  
Numeração e operações sobre números inteiros, quebrados e decimais; composição de números e equações numéricas; números complexos; sistema métrico; regras de três e conjunta; regra de câmbio; apudades; tábuas de logaritmos dos números 1 a 10000, por CUNHA ROSA.  
1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina... 15\$00  
Desenho linear geométrico  
Noções gerais até ao traçado da evolvente; circulo, catenária; projecções ortogonais, perspectiva, etc., por CUNHA ROSA.  
1 volume de 192 páginas, encadernado em percalina... 12\$00  
Elementos de electricidade  
Preliminares; geradores químicos de corrente eléctrica; magnetismo; indução; geradores mecânicos de corrente continua; acumuladores; geradores mecânicos de correntes alternativas; leis fundamentais das correntes electricas; distribuição das correntes electricas; iluminação; motores; telegrafia, telefonia e outras applicações, por ALBERTO DE CASTRO FERREIRA.  
1 volume de 784 páginas, encadernado em percalina... 30\$00  
Elementos de fisica  
Generalidades; atracção universal; líquidos; gases; ar atmosférico; calor; optica; luz; acustica; electricidade e magnetismo, etc., pela Direcção da BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL.  
1 volume de 184 páginas, encadernado em percalina... 12\$00  
Elementos de Mecânica  
Noções gerais; estática; cinemática; dinâmica, etc., por EUGÉNIO ESTANISLAU DE BARROS.  
1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina... 12\$00  
Elementos de Modelação  
Origem, material, instrumentos, modelos, modelação em cera, ornato, arquitectura e figura. Apontamentos anatómicos, proporções do corpo humano, esculptura em pedra e madeira. Exemplificação de motivos decorativos applicados à ornamentação escultural, por JOSEPH FILLER.  
1 volume de 150 páginas, encadernado em percalina... 12\$00  
Elementos de Projecções  
Projecções do ponto, da recta e do plano; mudança de lugar dos planos de projecção; intersecções de planos e de rectas com planos; rotações e rebatimentos; perpendicularidade das rectas e do plano; linhas curvas planas, por JOÃO ANTONIO PILOTO.  
1 volume de 405 páginas, encadernado em percalina... 16\$00  
Elementos de Quimica  
Generalidades; metalóides; metais; metais comuns e intermediários; quimica orgânica; corpos orgânicos, etc., pela Direcção da BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL.  
1 volume de 330 páginas, encadernado em percalina... 12\$00  
Geometria plana e no espaço  
Estudo e resolução de problemas geométricos e gráficos, sobre a linha recta; circunferências, linhas proporcionais e superfícies. Estudos das linhas relativamente aos planos e ângulos. Diedros, poliedros, prismas, pirâmides, sólidos redondos, áreas das superfícies poliedricas, áreas dos corpos terminados por superfícies curvas, volume dos poliedros, volume dos corpos terminados por superfícies curvas, noções sobre nivelamento, tábuas e fórmulas diversas, etc., por A. CUNHA ROSA.  
1 volume de 390 páginas, encadernado em percalina... 13\$00  
Fabricação de tecidos  
Noções gerais sobre a lã, algodão, linho, juta e cânhamo. Preparação da lã, Carda, pente e fiar a lã, algodão, linho, juta e cânhamo. Operações preparatórias da tecelagem. Princípios de desenho, acessórios de tecelagem. Tecelagem em teares manuaes e mecânicos. Tinturaria e branqueamento do algodão. Acabamentos e cálculos de fabrico, por JOSÉ MARIA DE CAMPOS MELO.  
1 volume de 260 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

**Mecânica**  
Torneio e Frezador mecânicos  
Descrição dos tornos mecânicos, caracteristicas e acessórios. Ferramenta do torneiro. Trabalhos do torno. Roscas e parafusos dos diversos sistemas, dimensões, tábuas e operações de abrir roscas. Movimentos, tornos especiais, etc., Máquina de frezar ou frezadores. Sua classificação e descrição. Acessórios e ferramentas das máquinas frezadoras. Caracteristicas, trabalhos e transmissões das frezadoras, etc., por JOÃO SEQUEIRA DE CASTRO.  
1 volume de 320 páginas, encadernado em percalina... 15\$00  
Desenho de máquinas  
Utilidades de desenho e sua applicação; convenções de traços e côres; escalas dos desenhos; cortes e secções; cotas e dimensões; esboços cotados; execução e disposição dos desenhos, agulharia e tintas, letras, títulos e legendas; projecções e intersecções, desenhos amplificados, descrição de diversos metais; exercícios de desenho à vista, desenho rigoroso, indicações práticas e proporções de diversos órgãos de máquinas, tábuas, etc., por TOMÁS BORDALO PINHEIRO.  
1 volume de 340 páginas, formato 16x22 encadernado em percalina... 25\$00  
Material agricola  
Materias primas de construção; conservação do material agricola; trabalhos culturais; ferramenta agricola para a pequena cultura; revolvimento da terra; cultura de planta; colheita; preparação dos produtos; tratamento das plantas; aparelhos agricolas para a cultura mediana; charrua; de reviramento fixo, alternado, duplo, especiais; tração das charruas; máquinas agricolas para para a grande cultura; preparação das terras; lavoura mecânica; debulha; enfardamento de palha; preparação de comida para o gado; elevação de águas; motores agricolas e transformação de produtos agricolas, por H. FRANCIS DA SILVEIRA.  
1 volume de 270 páginas, encadernado em percalina... 13\$00  
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor  
Gerador de vapor; tipos diversos de caldeiras; detalhes, acessórios e aparelhos auxiliares das caldeiras; nomenclatura detalhada das máquinas de vapor em geral; diferentes tipos de máquinas de vapor terrestres e maritimas, por ANTONIO JOAQUIM DE LIMA E SILVA.  
1 volume de 280 páginas, encadernado em percalina... 13\$00  
Problemas de máquinas  
Problemas dos mais usuais para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de princípios de fisica e mecânica; problemas sobre caldeiras e máquinas de vapor; resistências de materiais, etc., por ANTONIO JOAQUIM DE LIMA E SANTOS.  
1 volume de 400 páginas, encadernado em percalina... 16\$00  
Construção Civil  
Acabamentos das construções  
Trabalho de coberturas (telhados, etc.); estuques, decorações e ornatos, tintas, pinturas, finisamentos, douraduras, colocações de azulejos, ladrilhos, lambrias, pavimentos e mais trabalhos concernentes ao acabamento de um edificio, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURO.  
1 volume de 340 páginas, encadernado em percalina... 16\$00  
Alvenaria e Cantaria  
Emprego nas construções das pedras em geral; paredes e muros de cantaria, alvenaria, tijolo, alvenaria de aglomerados; espessura das paredes e sua estabilidade, arcos e abóbodas; vãos de portas e janelas; escadas de pedra; chaminés; elementos ornamentais; trabalho do pedreiro e descrição da sua ferramenta, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURO.  
1 volume de 380 páginas, encadernado em percalina... 13\$00  
Edificações  
Descrição de um projecto de uma casa; indicações gerais sobre edificios e sua distribuição interior; descrições genéricas dos elementos architectónicos das fachadas; bastantes exemplos de projectos de edificios e resumo da legislação portugueza e brasileira concernente a edificios, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURO.  
1 volume de 260 páginas, encadernado em percalina... 13\$00  
Encanamentos e salubridade das habitações  
Estudo do abastecimento de água, gás e electricidade. Esgotos, instalações de retretes, urinóis, banhos, fossas, etc., ventilação e aquecimento das casas, princípios higienicos a seguir nas construções, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURO.  
1 volume de 300 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

8-4-1925  
OS MISTÉRIOS DO POVO  
—Minhas senhoras e meus senhores, já viram alguma vez uma rédua de burros caminhando para o moinho mais triunfante?  
—Ah! Ah! replicou em alto som um dos cavaleiros, rindo às gargalhadas, e designando com a ponta da chibata o chefe do corpo municipal João Molrain, reparem sobretudo no burro mestre que guia os outros? Como ele se repimpa em cima do coberção.  
—E' pena que o cabelo lhe esconda as orelhas compridas.  
—Sangue de Cristo! que vergonha ver estes labregos de raça gaulesa feitos escravos pelos nossos antepassados, atreverem-se a usar de capacete e de espada como os homens nobres! acrescentou o senhor de Haut-Pourcin. Pois nós, descendentes dos conquistadores, nós que somos cavaleiros! havemos de consentir semelhante vilania?  
—Olá! ó Quatro-Mãos o Padeiro, exclamou a senhora de Haut-Pourcin com voz esganiçada, debruçando-se no parapeito do terraço, ouça, senhor vereador, que vai armado como se fosse para a guerra! O último fôpo que o meu saqueatório foi buscar à sua fábrica não estava bem cosido, e desconfio muito que me roubaram no péso!  
—Olá! ó Remy o Correeiro, acrescentou um conego gordo da catedral; o senhor que vai aí, todo sorna, administrar os negócios da cidade, hábil magistrado, vossê não trabalha durante este tempo na albarda do macho que lhe encomendei!  
—Ah! meus senhores, ai vem a cavalaria! disse uma mulher ainda nova, rindo e cheirando um ramo de mangerona; ora vejam os ares de Ferrabraz do palhaço que comanda aqueles valentões, 'dir-se que vai espafifar tudo!  
—Ah! Ah! meus senhores, olhem para aquele herói, que sem dúvida ofuscado pela viseira, virou o capacete de diante para traz.  
—E aquele, que leva a espada como os penitentes costumam levar a tocha!

—Bom! lá vai outro que ia tirando um olho ao companheiro com o ferro da lança!  
—Safal meus senhores, pois não se assustam e não se lhe arripiam as carnes, pensando que um dia nos poderemos achar com a lança em riste em frente da burguezia, (formidável eáterva de calvos, de pançudos e de chancas!)  
Estas injúrias, acompanhadas de gargalhadas insultantes e de gestos de desprezo, ao princípio toleradas pacientemente pelos comuneiros, acabaram contudo de comover os mais impetuosos, surdos murmúrios se levantavam na multidão; já o cortejo parava, apesar das instâncias de Fergan, que, de balde, recomendava aos milicianos prudência e desprezo; uns ameaçavam com muros, outros com as armas os episcopais, de quem as gargalhadas redobravam ao aspecto de irritação popular.  
De repente, João Molrain, o chefe do corpo municipal, subindo a um dos bancos de pedra colocados junto das portas das casas, e que servem para montar com mais facilidade a cavallo, pediu silêncio, e, com voz atoadora, proferiu estas palavras, que foram ouvidas dos episcopais:  
—Irmãos e conjurados da Comuna de Laon não respondam a semelhantes ultrajes! Que se atrevam a atacar a nossa Comuna por meio de acções e não de palavras, e então nós, o seu chefe do corpo municipal, nós, os vereadores, citaremos o réu para comparecer no nosso tribunal, e far-se há justiça de nossos inimigos...; sim, energia e pronta justiça! Até esse ponto, respondamos às provocações com desprezo; o homem resoluto e cónscio do direito que lhe assiste, não faz caso das injúrias...; quando chega o momento de sentenciar, condena e castiga!  
Estas palavras sábias e compassadas sossegaram a agitação da turba, mas foram ouvidas dos nobres, reunidos no terraço da casa do senhor de Haut-Pourcin, e excitaram a sua cólera; ameaçaram os comuneiros com paus e com as suas espadas, crescendo em insultos.

—As suas espadas não são tam compridas que cheguem cá! gritou Colombaio o Surrador passando junto da varanda; desçam para a rua! e veremos então se o ferro é mais pesado nas mãos dum burguez do que na mão dum cavaleiro!  
A este desafio, os episcopais, apesar da sua valentia, só responderam com ultrajes; pouco numerosos como eram, teriam sido vencidos e aprisionados pelos milicianos. O cortejo, que tinha parado um momento na sua marcha, poz-se a caminho e chegou à praça onde se elevava o palácio comunal; este edificio, a alegria, o orgulho dos artistas e dos burguezes, porque simbolizava a sua liberdade; este edificio, vasta e bonita casa recentemente construída, formava um quadrilongo; elegantes esculpturas lhe ornavam a fachada e as padieiras das numerosas janelas e o adro, composto de três arcos diagonais sustentadas por uma elegante coluna de pedra; mas neste momento, a parte que tinham construído e embelesado com uma predilecção particular, era a torre e o campanário onde estava suspenso o sino; esta torre, que se erguia acima do telhado, parecia quasi inteiramente recostada; de andar em andar nam estreito degrau suportava fileiras de colonasinhas sobrepostas de arcos diagonais recostadas, de modo que por entre esta redezinha de pedras esculpidas via-se a espiral da escada que conduzia ao campanário, escondida pelos panos até ao momento em que o cortejo entrou na praça.  
Por isso, quando estes panos caíram, um grito de admiração e de patriótico entusiasmo se soltou de todos os peitos. Nada mais simples do que este campanário, especie de gaiola de ferro dourado, da qual as nervuras e as folhagens se desenhavam no azul do céu como uma repda de ouro brilhante aos primeiros raios do sol, dominando este zimbroz fresco de uma ban-deira comunal flutuando com o vento fresco daquela linda manhã de Abril. Os gritos de entusiasmo da multidão redobravam, e o nordeste devia fazer chegar aos ouvidos dos episcopais encolerizados este grito mil vezes repetido: «Comuna!... Comuna!...»

O' filho de Joel! contempla sempre com horror esses castelos feudais e essas catedrais que desafiavam os séculos; sim, quando chegar a hora das justas rep-salias, não deixes pedra sobre pedra desses ex-cravéis monumentos betumados com os nossos suorés, com o nosso sangue!  
O' filho de Joel! a casa comunal é o heroico e santo berço da libertação da Gália!  
O bispado de Laon, próximo da catedral, era cercado de espessos muros e fortificado com duas grossas torres, no meio das quais se via a porta de entrada. No ponto de vista da agradável moral de Jesus, o amigo dos pobres e dos aflitos, nada menos episcopal do que o interior deste palácio; julgar-se ia ser o castelo forte de algum senhor feudal guerreiro e caçador; este singular contraste entre o aspecto dos logares e o carácter que eles teriam devido apresentar, causava uma impressão penosa nos corações honestos; tal era o sentimento que experimentava o bispo Anselmo quando, pouco tempo depois de ter pedido a Fergan para alcançar dos comuneiros que se mostrassem indiferentes às provocações dos episcopais, o discípulo de Cristo atravessava os pátios do bispado; aqui os falcoeiros levavam e preparavam a carne crua destinada aos falcões, ou limpavam-lhes os poleiros; mais longe os moneiros, com a buzina, a tiracolo, de chicotes na mão, conduziam uma numerosa matilha de grandes cães picardos, tam estimados dos caçadores; mais além, servos do domínio episcopal se amestravam, debaixo do comando de um dos estribeiros do bispo, no manejo das armas; esta última circunstância admirando sobremaneira o arceidiago e aumentando os seus receios pelo sossego da cidade, apoderou-se dele grande tristeza.  
Anselmo, posto ser padre católico, era homem de grande bondade, puro, desinteressado, austero e de um raro saber; chamavam-lhe o doutor dos doutores; muitas vezes tinha recusado o episcopado, com receio, dizia ele: «de parecer censurar, pela cristã bondade do seu carácter e pela castidade dos seus costumes, o



## FIGURAS REVOLUCIONARIAS

## RODOLFO ROCKER

Alguns dados biográficos sobre a agitada vida dum dos fundadores da A. I. T.

Rodolfo Rocker nasceu em Magúncia, Alemanha, e começou a sua vida como operário encadernador.

Durante algum tempo seguiu com simpatia a social-democracia alemã, mas as suas aspirações não se satisfizeram com as lutas políticas e os seus impetuosos de rebeldia levaram-no, em breve, para o campo anarquista, principalmente sob a influência de Miguel Bakunine.

Aos vinte anos, por perseguições políticas, foi para Paris, e, em seguida, percorreu a pé uma boa parte da Europa e algumas regiões da Ásia. Conseguiu deste modo tomar conhecimento de quasi todos os idiomas da actual civilização, e ampliar a sua visão do mundo e da vida.

Durante dezasseis anos viveu na Inglaterra (de 1892 a 1914), onde desenvolveu uma grande propaganda, sobretudo entre os judeus.

De 1900 a 1908 publicou em «idisch» (língua dos judeus) a revista «Germinal», onde manifestou principalmente toda a pujança do seu talento.

Para o «idisch», traduziu também obras de Nietzsche, Máximo Gorki, Réclus, Kravtchine, Grave, Nordau, Nieuwenhuis, etc., além dos seus livros: «Esboco biográfico de Miguel Bakunine», «História do movimento terrorista na França» e «Francisco Ferrer e a educação libertária da juventude».

Nos seus trinta anos de propaganda foi, especialmente durante a conflagração europeia, que ele exerceu uma maior actividade.

Logo que esta rebentou, foi imediatamente internado pelo governo inglês num navio, como inimigo estrangeiro.

Ali sofreu ele as brutalidades dos agentes governamentais, a fome, o frio e os insultos da turba desvairada pelo patriotismo militarizado, no meio duma massa de alemães, austríacos e húngaros, composta de artistas e professores, de cantores e aventureiros.

E, enquanto a sua companheira, Milly Witkop, tomava o seu posto, para desenvolver a sua propaganda contra a guerra e contra o Estado, Rodolfo Rocker procurava interessar o pequeno mundo, onde era obrigado a viver. Em conferências e leituras sobre temas científicos e literários começou a falar perante o seu singular auditério. Em breve foram abordados os problemas sociais e, entre discussões se chegou aos princípios e soluções do comunismo anarquista, começando em seguida Rodolfo a pedir e a enviarem-lhe de Londres caixões cheios de livros de propaganda.

Com o armistício, Rocker saiu da Inglaterra para a Holanda, e assim que se deram os acontecimentos revolucionários na Alemanha, quiz ali penetrar, mas os marxistas que tinham subido ao poder, proibiram-lhe a entrada, em virtude de ter sido expulso 25 anos antes por revolucionário!

A Holanda também não queria que ele lá se conservasse, mas como ali ficava, acompanhando nos seus últimos dias o velho libertário Domela Nieuwenhuis.

Finalmente pôde reentrar na Alemanha, quando se encontrava em efervescência o povo do seu país natal.

Tomou ali parte nas revoltas populares, integrando-se no movimento sindicalista revolucionário, que nessa ocasião tomou um certo incremento na Alemanha.

Nos debates de tendências teve ele então uma acção notória e influente, marcando com critério genuinamente revolucionário os meios e a finalidade do sindicalismo, os problemas das Internacionais proletárias, o conceito e a prática das ideias de «soviets» e da «ditadura», os frutos da revolução russa e as possibilidades duma revolução mundial.

E ao mesmo tempo que escrevia, trabalhava também na organização das classes trabalhadoras, colaborando na constituição da «Freien Arbeiter-Union Deutschlands» (União de Operários Livres da Alemanha), e na organização da Conferência Internacional do Sindicalismo, efectuada em Berlim em Dezembro de 1920, que serviu de base para a constituição da verdadeira Internacional operária: A actual Associação Internacional dos Trabalhadores.

## INTERESSES DE CLASSE

## Funcionários telegrafo-postais

## Um agradecimento à «Batalha»

Foi-nos enviada a seguinte carta:

Senhor redactor.—Com o maior prazer agradeço as considerações que se digna fazer no seu conceituado jornal de hoje a propósito dos funcionários telegrafo-postais aposentados, a cujo número, pertenço. Com efeito a situação que eles atravessam é demasiado cruel.

Não se compreende, não faz mesmo sentido que aos telegrafo-postais aposentados se pague aproximadamente metade do que se paga aos efectivos. Recebem por outro coife, a chamada caixa de aposentação? Que importa, seja por onde for, não telegrafo-postais desde que se alistaram nessa vida, há 30 ou 40 anos, e nenhuma entidade, segundo o critério de gente autorizada, tem o direito de os considerar estranhos a essa classe.

De outra forma o aumento concedido pelo decreto 10204 seria injusto, visto que ao abrigo dele uns são filhos e outros enteados.

Arrastam-se na efectividade centenas de infelizes com mais de 40 anos de serviço, cheios de achaques adquiridos na árdua vida a que se dedicaram. Porque não se aposentam como deseariam?

Porque receiam a miséria em que infelizes se tornam já calmos.

Não será tempo dos meus colegas efectivos meditarem a valer no futuro que lhes está reservado?

Creio bem que sim. Muito grato—José Joaquim Henriques, sub-inspector dos correios, aposentado.

## VOZ DO OPERÁRIO

## Segunda vitória da campanha moralizadora feita em «A Batalha»

Uma gata que mia com oportunidade provoca hilaridade na assembleia

Na assembleia de ante-onde, para continuação de trabalhos, um sócio protestou contra a parcialidade do redactor da Voz faz os extractos das assembleias, tendo-lhe alguém respondido que os extractos de A Batalha também pecavam por parciais. O indivíduo que fez semelhante afirmação perdeu uma excelente ocasião de se conservar calado.

A Voz é o órgão da Sociedade, e como tal devia fazer um extracto fiel e completo das assembleias, porque para isso é que a Sociedade paga ao respectivo redactor.

A Batalha não tem nas assembleias da Sociedade nenhum redactor com a obrigação de fazer os extractos, nem tão pouco o seu relato completo, além de nos tirar o espaço de que tanto carecemos; nós poderíamos interessar.

Temo-nos limitado a salientar nas nossas singelas notas o que julgamos mais interessante para pôr em destaque a immoralidade que ali campeava, e que os sócios auxiliares e alguns efectivos estão escandalizados, como complemento da campanha iniciada nas colunas do nosso jornal, embora por vezes recorramos ao humorismo, por ser a melhor arma de combate a certos vícios.

De forma que já se perdem três noites a discutir se se deve ou não pagar aquela célebre regente que não regia, acumulando com o lugar de professora que nos surge agora interpretador de direito... clássico —iamos a dizer tórto — com uns olhos amarelos e a inseparável pasta, dando um certo impertinência à frase, supondo-se em terra de cegos.

Mas como os circunstantes tinham os dois olhos — e por sinal bem abertos — teve que engulir a avariada ciência, e ir vendê-la para onde não faça dano.

Cabe a vez a seguir ao patriarca José Luis, o marido da reclamante; que começou por levantar um reptó à assembleia, perguntando se o juízo um mau homem, capaz de cometer actos que deslustram e briguem com a boa moral, reptó a que responde José Maria Gonçalves dizendo que foi ludiário o governador civil, firmando uma representação dos sócios efectivos, quando é auxiliar, e com essa mistificação auxiliar queria sua esposa. Que foi enganar — afirma, entre os sorrisos da assembleia — dando explicações que nada explicaram e que a assembleia se julgou dispensada de compreender. Enveredou num labirinto de pormenores sobre a situação de sua esposa, quando a certa altura, no pesado silêncio com que era escutado, se ouviu, vindo dos corredores do edifício, um sugestivo e enternecido miado duma felina afeccionada, que provoca a hilaridade da assembleia. E não querendo tornar-se mais longo, dá por terminadas as suas considerações.

Domingos da Cruz, da comissão de sindicância, pormenoriza com grande fidelidade de todos os factos que com ele e José Luis se deram, tendo-lhe este de princípio declarado que sua esposa estava na disposição de pedir a sua demissão de regente, afirmando mais tarde que os seus amigos o aconselharam a que desistisse desse pedido. Por mais de uma vez José Luis o procurou, tanto na repartição como na Sociedade, tendo-lhe da última vez oferecido o lugar de fiscal escolar, oferta que o orador repudiou com indignação, por representar, pelo carácter de subórdo de que vinha revestida, um ataque à sua dignidade de homem de bem, e que nunca os dinheiros da Sociedade lhe escaldariam as mãos.

Estas declarações foram ouvidas pela assembleia com a maior indignação pela atitude de José Luis, que na Sociedade mandava encobertamente por detrás do compadre Cunha, e confirmando-se o que há tempo dissemos da nefasta influência deste cavaleiro nos destinos da Sociedade, que engendrava e formava as listas dos dirigentes, contava com as votações, oferecia lugares, propunha gratificações e promovia empregados que o acompanhavam em detrimento de outros. Mas parece que se lhe acabou o predomínio, porque, prorrogada a sessão para se votar a moção de Francisco Reis, que repudiava a reclamação da professora-regente, aprovaram a 24 sócios efectivos e regentaram a 4, entre estes o seu dedicado compadre Cunha.

E assim terminou com esta vitória alcançada pela nossa campanha moralizadora, a assembleia de ante-onde, onde votaram apenas 28 sócios dos 500 presentes, que não têm os mesmos direitos, embora tenham os mesmos deveres. E o presidente, encerrando a sessão, marcou a seguinte para hoje.

## PROPAGANDA SINDICAL

## A sessão de hoje em Marvila

Promovida pela comissão mixta de propaganda e organização social do Beato e Olivais, realiza-se hoje uma sessão de propaganda sindical. A comissão organizadora fez distribuir um manifesto do qual recortamos o seguinte trecho:

«Povo, desperta! Sobre a tua cabeça está suspensa a guilhotina da opressão capitalista, bem mais infame e ultrajante que a dos teus irmãos dos tempos medievais, que foram bem mais felizes do que tu, visto desconheceres tão dolorosamente os horrores da fome, como estás experimentando. Seja qual for a tua profissão, vem hoje, pelas 20 horas, assistir à grande sessão pública, que se efectua na sede da Associação dos Corticeiros, rua de Marvila, 57, 1.ª, a fim de, juntamente com os teus irmãos de martírio, iniciares a rápida e enérgica defesa de tua vida seriamente ameaçada pelo teu patrão que te explora e o mercetário que te rouba.»

Nesta sessão devem usar da palavra delegados da C. G. T., União dos Sindicatos Operários, Sindicato Unico Metalúrgico, Construção Civil e sindicatos da área do Beato e Olivais.

Lê-se o Suplemento de A BATALHA

## O 1.º DE MAIO

## Construção Civil de Tires

TIRES, 5.—Está despertando vivo interesse no meio operário a comemoração do 1.º de Maio, este ano, estando já o Sindicato da C. Civil e o grupo dramático e musical «Solidariedade Operária» a preparar o programa que deverá constar da representação, no sábado, 30 de Abril, do drama, em três actos, «As provas do crime», a comédia, em um acto, «Uma casa de estroínas», e o entre-acto «A taberna», sendo o espectáculo abrilhantado por um grupo musical.

No dia 1.º de Maio, às 6 horas, alvorecida, indo o grupo musical em visita à sede do sindicato; às 14 horas, será inaugurada a bandeira do grupo, realizando-se uma sessão solene; às 18 horas, sessão de propaganda, em que deverão fazer uso da palavra delegados da C. G. T. e Federação da C. Civil. O sindicato, de acordo com o grupo, vai distribuir um manifesto.—C.

## Propaganda anti-eleitoral

## Uma decisão da Juventude Sindicalista do Porto

O N. J. S. do Porto, apreciando que o momento que passa é revestido de uma extraordinária gravidade para a organização operária e revolucionária, e constatando ainda que alguns elementos bastante conhecidos pela massa operária transgiram numa ocasião em que a sua firmeza de princípios torna necessária, se tornava, resolveu, na sua última assembleia geral, requerida por 23 sócios para marcar a sua posição perante o desenrolar dos acontecimentos, iniciar uma intensa propaganda anti-eleitoral.

Para este efeito, nomeou uma comissão que ficou com o encargo de realizar todos os trabalhos que julgue necessários para o bom êxito da sua missão, elaborando já o seguinte plano de acção:

1.º Editar um incisivo manifesto sobre o acto eleitoral; 2.º Realizar sessões de propaganda contra a burla do sufrágio universal, as quais se efectuarão nos seguintes locais:

Foz do Douro, Arrábida, Miragaia, Sé, Campanhã, Antas, Eirinhas, Giestas, Fontinha e Boavista.

Nestas sessões deverão fazer uso da palavra, além de alguns elementos juvenis, os seguintes militantes operários:

Serafim Cardoso Lucena, Felisberto Baptista, Amílcar Pereira Dias, António Teixeira, Júlio Gonçalves Pereira e Costa Carvalho.

## SOLIDARIEDADE

## Pró-Casimiro Firmão

Acaba de constituir-se uma comissão, que tenta levar à prática, semanalmente, uma greve em favor do militante juvenil Casimiro Firmão, que há cerca de um ano se encontra gravemente enfermo.

A inscrição conta já com algumas adesões, e está aberta na calçada do Monte, 66, loja, para onde deve ser enviada toda a correspondência.

Os inscritos devem pagar a primeira cota no próximo sábado.

## Pró-vítimas de «Vera»

Para custear as despesas com a defesa dos camaradas implicados nos sucessos de Vera, recebeu o comité pró-salvação de Espanha mais os seguintes donativos:

De um anónimo, 2800; Carlos Soares, 5500; Federação Marítima, 10000; Manipuladores de Pão, 10000; Tanoeiros de Marvila, 10000. Total: 21700.

Sendo breve o julgamento destes camaradas, que estão ameaçados com a «pena de morte» e a de 30 anos de prisão, fazemos um apelo a todos os camaradas para contribuírem com algum donativo, pois ainda faltam 3000 escudos para completar o dinheiro necessário para a sua defesa.

É necessário que em todas as secções surjam protestos contra a reacção espanhola.

Além dos implicados nos sucessos de Vera, há em Barcelona mais de 500 presos, entre eles 4 ameaçados de morte, e que, actualmente, se encontram no forte de Montjuich. São eles: Filipe Alalz, Trillán, Maurin e Arlandis. Maurin está bastante enfermo, pois foi ferido pela polícia, no momento de ser preso.

Confiamos na solidariedade de todos os camaradas.

Os donativos e correspondência podem ser enviados a Manuel Peres, travessa da Água de Flor, 16, 1.ª, Lisboa.

## O Comité Internacional Pró Salvação de Espanha

## Pró-João de Oliveira

João da Cruz Oliveira pede-nos a publicação do seguinte apelo:

«Tendo necessidade urgente de refinar todos os recursos de que disponho, para custear as despesas a que sou obrigado com o andamento do meu processo, peço a todos os camaradas que ficarem com bilhetes do meu festival e principalmente aos organismos operários—Sindicato Unico da Construção Civil e suas secções; de pedreiros e carpinteiros e Sindicato Unico Mobiliário—para que mandem liquidar o mais depressa possível os seus débitos.»

João da Cruz Oliveira está no Grupo B, do Limoeiro.

## Pró-Luís Miguel

Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão encarregada de levar a efeito a festa em favor de Luís Miguel.

## AS GREVES

## Operários do Município

## Uma perseguição estúpida

O fiscal dos cantoneiros do 1.º distrito, João da Costa, deu em perseguição o seu subordinado Carlos dos Santos, chamando-lhe «bolxevista», acusando-o de andar a revoltar o pessoal, tendo já chegado a ameaçá-lo de chamar um polícia para o prender.

Bom seria que esse senhor pensasse em ganhar melhor a sua vida, pois recebe 24300 diários, para tomar conta do trabalho de quatro operários apenas.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

## Realizou-se na vila de Cano um importante comício no qual tomaram parte 2000 pessoas

CANO, 6.—Nesta pitoresca vila realizou-se um comício promovido pela Associação dos Trabalhadores Rurais, a fim de tratar da crise de trabalho que existe entre os trabalhadores camponeses. A 16 horas, com a presença do administrador de Souza, abriu o comício sob a presidência de A. J. Dias, dos rurais de Cano, secretário por F. M. Freire e J. A. Gomes, do Ervedal.

O presidente expõe à assistência que é superior a duas mil pessoas o significado do comício.

Usa da palavra em primeiro lugar J. A. Carrilho, dos rurais de Cano, que se refere à falta de instrução e à crise de trabalho existente, dizendo que a U. I. E. é o mesmo que a união dos exploradores.

J. A. Pinto, sauda a assistência em nome dos rurais de Ervedal, diz que a Associação é onde os trabalhadores podem defender os seus interesses e tem palavras de ataque para com a U. I. E.

Barrada e F. M. Freire, do Ervedal, dizem que a crise não tem justificação possível e que visa unicamente a aniquilar os trabalhadores.

Joaquim Romão, de Fronteira, diz que os rurais como as outras classes organizadas sabem muito bem tratar dos seus deveres, atacando a taberna e a prostituição, e dirige-se especialmente aos não associados.

Joaquim Dias Povea, de Benavilla, diz que a U. I. E. quer impor uma ditadura ferrea. Ataca vivamente a exploração de que têm sido vítimas os trabalhadores.

F. da Silva, da construção civil de Ponte de Sôr, diz que já há muito está implantada uma ditadura em Portugal que mata homens indefesos em plena rua, como sucede há dias em Coimbra. Afirmando que o capital mata a fome dos trabalhadores, termina com vivas à C. G. T. e à U. I. E. que são calorosamente correspondido pela assistência. Falam à mesma ordem de ideias José Fontes, António Pereira Furco e Miguelina Sardinha, professora do Sindicato da Construção Civil de Ponte de Sôr, sauda a assistência e em especial as mulheres presentes, dizendo que compete também às mesmas associarem-se nos seus sindicatos e «evitarem o mais possível ir à igreja, fazendo um ataque à religião. Nesta altura o administrador diz-lhe que deve evitar o assunto por ser muito escabroso mas a oradora continuou nas suas considerações.

Alfredo Pinto, que representa a C. G. T., sauda a enorme assistência em nome do organismo que ali representa e expõe de uma forma geral o que é a U. I. E. Diz que o trabalho que realizamos é todo para demolir o existente, e preparar um novo estado de coisas que interesse aos que trabalham. Aborda a crise de trabalho sistematizada que se constata e a baixa da libra e a alta dos géneros, tanto de alimentação como de vestuário. Trata da resistência que é preciso organizar por parte dos trabalhadores para isso devem ingressar nos seus respectivos sindicatos. Faz ver a forma como se regem as várias cadeiras por essas localidades sob um regime prisional muito antiquado. Aborda também a situação em que se encontram aqueles que não são subordinados ao decreto dos lóros e faz considerações sobre a instrução, terminando dizendo que a C. G. T. tem todas as células perfeitamente organizadas e sendo o seu jornal A Batalha o único que defende os interesses dos trabalhadores. Foi lida e aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Estar de prevenção para qualquer demonstração de hostilidade da parte das «forças vivas» e aguardar qualquer movimento que pela C. G. T. seja organizado; 2.º Não permitir baixar alguma vez os salários enquanto não se provar de uma forma iniludível, uma diferença sensível nos géneros de primeira necessidade, não só de alimentação como de vestuário, calçado, etc.

3.º Dar todo o apoio à campanha que o jornal A Batalha vem de intensificar contra o regime prisional existente pelo país, num estado de falta de higiene que não é própria do século que atravessamos.

No final a assistência num entusiasmo incontível rompe as vivas à C. G. T. e à Batalha e o administrador, sr. José Filipe Cardoso Labaredas, levanta-se e dá um abraço ao delegado da C. G. T.

A noite, com uma enorme concorrência, realizou-se num barracão cedido por um rural uma sessão de propaganda. Falaram todos os oradores que no comício usaram da palavra, menos os rurais do Ervidal, Fronteira e Sousel.

A burguesia local para desvirtuar as atenções do povo de Cano, resolveu preparar um desafio de foot-ball no mesmo sítio onde se realizou o comício, mas não conseguiu chamar a si as referidas atenções do povo que lhes virou as costas, deixando perfeitamente isolados os jogadores, que por sinal eram estudantes que tinham vindo de Évora, e as famílias burguesas que se encontravam sentadas nas suas cadeiras em reduzido número.

## Indústria de conservas

PORTIMÃO, 4.—Verificando-se uma assustadora crise de trabalho na especialidade de conservas, pede o respectivo sindicato aos soldados de outras localidades que não venham procurar trabalho a esta cidade para não agravar a situação dos trabalhadores locais.

Na Fábria Portuguesa, por os operários reclamarem o cumprimento do horário das oito horas, o gerente, obedecendo a sugestões do encarregado, determinou que fosse dada lata para pingar, de empreitada, a 12550 por milheiro.

Desta forma, dá-se automaticamente uma baixa de salários, pois os operários, que ganhavam 10500 por dia, não poderão fazer mais de 4500 a 4550.—E.

## A situação em Lagos

LAGOS, 6.—Manifesta-se com intensidade a crise de trabalho nesta cidade, espalhando a miséria e a fome nos lares dos trabalhadores, enquanto os «cirineus» agravam a situação aumentando os preços dos géneros.

A Câmara Municipal parece não ter ainda reparado nestas coisas, pois há bem poucos dias despediu alguns trabalhadores e reduziu os salários aos que ficaram.—(E.)

## O encerramento das oficinas do Parque Automóvel Militar

## «A Batalha» ouve um delegado da comissão do pessoal operário

As oficinas do Parque Automóvel Militar vão encerrar as suas portas. Cerca de 300 operários que ali empregam a sua actividade estão na contingência de ser lançados à margem, em virtude da falta de trabalho que lhes dificulta o emprego em outras oficinas.

Como é natural, vem causando um certo alvoroço entre o operariado metalúrgico o encerramento daquelas oficinas. A Batalha dirigiu-se a um elemento da comissão do pessoal operário do P. A. M. a fim de informar os leitores das causas do encerramento.

É o camarada Jerónimo Marcos quem solitamente nos responde à primeira pergunta com a seguinte declaração:

—A direcção do Parque Automóvel Militar comunicou ao pessoal operário que a verba destinada às oficinas só chega até à próxima semana. O governo deve procurar que o Parlamento vote um empréstimo a fim das oficinas não serem encerradas.

«E note, prossegue o nosso interlocutor, esse empréstimo está absolutamente garantido com as peças sobreleantes que há em armazem para diversas marcas de carros ligeiros e pesados que orça por 2.000 contos.

«O P. A. M. precisa de dinheiro para pagar as férias ao seu pessoal, pois trabalho não lhe falta. Há muito em curso nas oficinas, que pertencente ao Estado, quer da indústria particular.»

—E como se explica a negligência das entidades competentes? — fizemos.

—Em volta das oficinas do P. A. M. os industriais do ramo automobilista, por intermédio da Associação Industrial, têm empregado os maiores esforços para encerrar as oficinas sob o pretexto de que não pagando contribuições prejudica a indústria particular.

«A atitude do governo faz-nos supor que está ao lado dos industriais contra os operários e até contra o desenvolvimento da indústria nacional.

—Mas diz-se que nas oficinas do P. A. M. falta capacidade técnica!

—Ninguém de bom fé e com alguns conhecimentos de metalurgia se arroja a fazer essa afirmação.

«Mercê do esforço de quantos lá trabalham fazem-se peças que não há no país, nem as outras oficinas as fazem porque não querem arriscar-se à difícil manufactura das ferramentas que tais peças requerem.»

«Enfim, o que é preciso, atalha o nosso entrevistado, é que o governo evite a monstruosidade de se atirar para a rua com perto de 300 operários, servindo, assim, sem talvez saber, os interesses de alguns personagens, com manifesto prejuízo de todos quantos ali trabalham que têm cumprido honradamente com os seus deveres profissionais.»

Estava terminada a entrevista. Vimos para a redacção pensando na sorte daqueles tresentos operários que amanhã ficarão sem trabalho.

## PRÓ-SEDE DOS GRÁFICOS

Continua a comissão promotora do espectáculo pró-sede dos gráficos a registar novas ofertas de valiosos elementos para essa festa, que se realiza no próximo domingo, 12.

Toda a devolução de bilhetes deve ser feita até hoje à noite, a qualquer membro da comissão em A Batalha.

Mais uma vez a comissão promotora lembra, a todos os gráficos, o dever moral que têm de auxiliar esta iniciativa.

## EM SETUBAL

## Um protesto contra uma medíocre estúpida da autoridade

SETUBAL, 7.—Reúniu a classe dos soldados, a fim de apreciar a enorme crise de trabalho que se verifica nesta cidade. Como o administrador do concelho tivesse enviado para a reunião três agentes da autoridade, a assembleia resolveu, em sinal de protesto, suspender os trabalhos, e enviar um ofício ao referido administrador, protestando contra a arbitrária medida, que constituía uma provocação à miséria.

Os trabalhadores das fábricas, que estavam reunidos na mesma ocasião para apreciar o mesmo assunto, ao ter conhecimento do ocorrido, resolveram também suspender a sessão em sinal de protesto, solidarizando-se assim com os seus camaradas soldados.

Hoje voltam a reunir.

## O SINDICALISMO EM MARCHA

## Constituiu-se a Associação dos Pescadores de Vila Franca de Xira

VILA FRANCA DE XIRA, 2.—A convite da Câmara Sindical de Trabalho, reuniram na sede da Associação dos Rurais, os pescadores desta vila a fim de organizarem o seu sindicato profissional.

Presidiu Júlio Filipe, secretariando Francisco Dias e José Pinheiro.

O camarada José Amador falou largamente sobre os deveres morais da classe dos pescadores, defendendo o princípio de que desta assembleia saísse definitivamente constituído o respectivo sindicato profissional.

Falaram outros camaradas, sendo depois aprovada a constituição da Associação de Classe dos Pescadores do Concelho de Vila Franca de Xira.

Para a comissão organizadora foram nomeados: António J. C. Baldaia, João J. Amador, José M. da Silva, Manoel João Nobre, Manoel Macinha, João Pedro Rigateiro, Joaquim Silva, Francisco J. L. Pataca, Artur da Costa Mendes, Augusto M. de Campos, José A. Marques, Domingos J. Vieira, João de D. Cruz, Francisco J. da Silva, Domingos de Oliveira, António M. Costeiro, João P. Vieira, Joaquim M. Pereira, João Pereira, Ernesto da Silva e Victor Augusto Amador.

Foi incumbida a C. G. T. da elaboração dos estatutos.—E

## Vida Sindical

## U. S. O.

## Comissão Administrativa

Reuniu esta comissão, apreciando trabalhos relativos ao 1.º de Maio e inauguração da Câmara Sindical de Trabalho.

Para continuação dos trabalhos, volta a reunir amanhã, pelas 21 horas.

## COMUNICAÇÕES

**Condutores de Carroças.**—A Companhia do Gás e Electricidade possui um fiscal de nome Sequeira que é polícia. Este indivíduo persegue aciosamente os condutores da mesma companhia, fazendo com que eles sofram descontos de quatro dias, semanalmente.

A classe encontra-se justamente indignada pela iníqua perseguição que lhe move um indivíduo que auferir um salário exorbitante sem, em troca, nada de útil produzir. Os condutores de carroças da Companhia do Gás vilmente roubados por aquele fiscal-polícia ganham um irrisório salário de 13 escudos.

**Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha e da Cordoaria Nacional.**—A Comissão de Melhoramentos do Sindicato deste estabelecimento fabril, desejando conhecer o número dos camaradas que tendo sido despedidos pelo artigo 161.º das alterações ao regulamento (excesso de faltas) e pretendem «voltar» para o mesmo estabelecimento, pede para que lhe participem para o Arsenal da Marinha, todos os dias das 8 horas às 17.

Desde já se torna público que os camaradas abrangidos por este aviso são os que tal disposição foi aplicada depois de Janeiro de 1919. A fim de abreviar tanto quanto possível a resolução deste assunto as comunicações devem ser feitas até ao dia 14 do corrente.

## CONVOCAÇÕES

## REÚNEM HOJE:

**Federação da Construção Civil.**—Pelas 20 horas o conselho federal.